

Sumário

FOCO: MULHERES LÍDERES

Norah Padilla: reciclagem na Colômbia

A mulher mais tenaz do mundo

Patrick Breslin

Elsa Zaldívar: Inovação tecnológica no Paraguai

Premiada da Rolex por melhoria de vida com bucha

Jeremy Coon

Laura Russell: Educação nos Andes

Arte e cultura nas lições diárias

Wilbur Wright

Deise Gravina: Construção no Brasil

Ajudando as cariocas a quebrar o teto de concreto

Amy Kirschenbaum

Francisca Blandón Ortiz: Pecuária na Nicarágua

Essas botas foram feitas para gerenciar

Mark Caicedo

Louise Lexis Relus: Agricultura no Haiti

Madame Louise e o longo caminho desde o isolamento

Jenny Petrow e Dieusibon Pierre-Mérité

Leticia Toj: Serviços de saúde na Guatemala

Atendimento médico à sombra dos vulcões

José Toasa e Paula Durbin

Maria Auxiliadora Vanegas Pérez:

Microcrédito na Nicarágua

Recursos para as microempresas de mulheres

Miriam E. Brandão

Evelyn Huezo e Mabel Reyes:

Desenvolvimento comunitário em El Salvador

Uma nova frente para ex-guerrilheiras

Seth Micah Jesse e Rolando Gutiérrez

NA IAF

Primeiro concurso com júri:

Um fórum para bolsistas da IAF

A mineração e a democracia:
o Direito Internacional torna-se local

Amanda M. Fulmer

Agricultura e conservação nas Ilhas Galápagos

Laura Brewington

A marcha do desenvolvimento: *Tinkuy* de tecelões

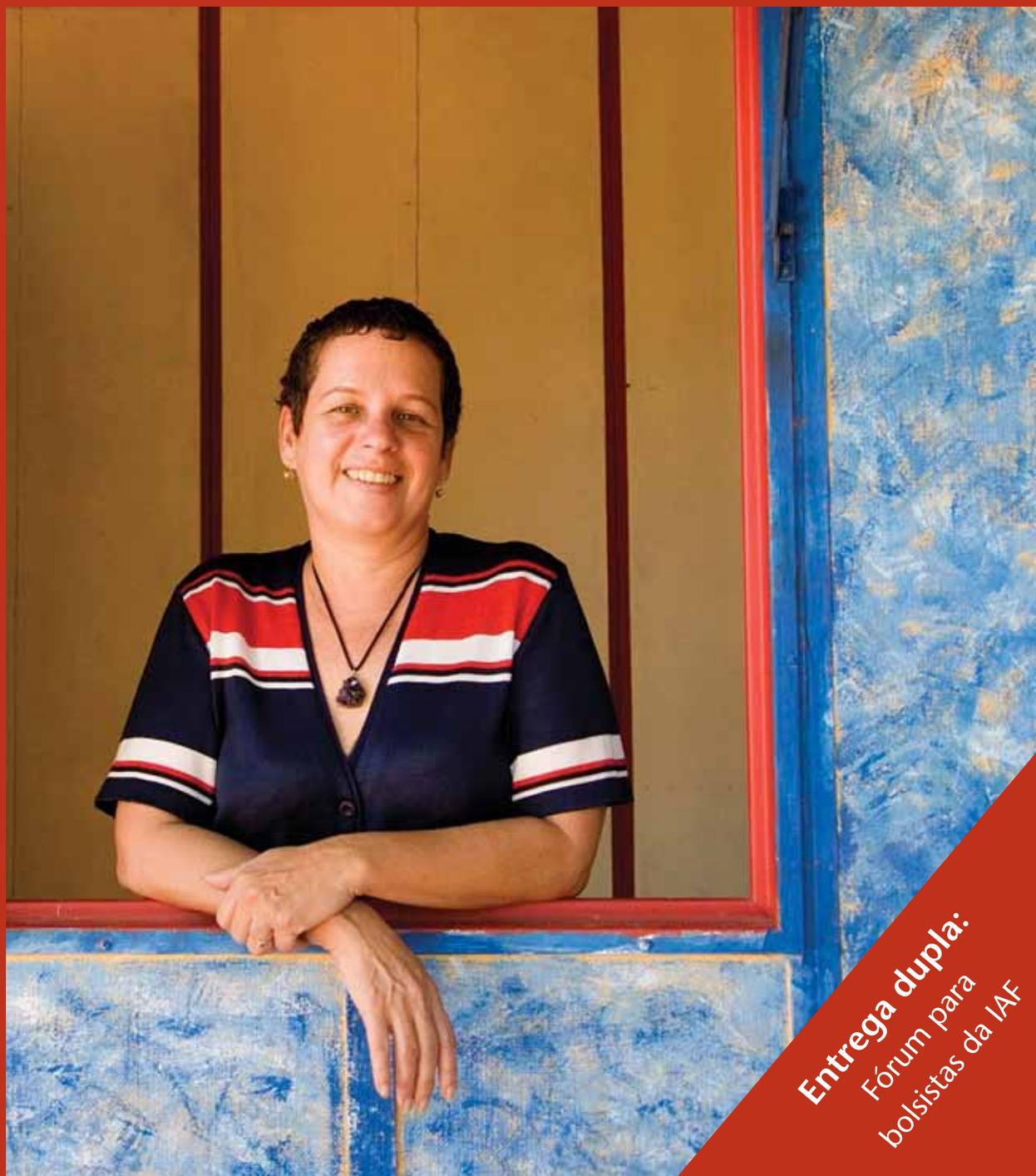
Donatários nas notícias

Recursos

Desenvolvimento de base

Revista da Fundação Interamericana

Foco: Mulheres líderes



VOLUME 32

2 0 1 1

Entrega dupla:
Fórum para
bolsistas da IAF

A Fundação Interamericana (IAF) é um organismo autônomo de ajuda externa do Governo dos Estados Unidos, criado em 1969 para promover o desenvolvimento de autoajuda mediante a concessão de doações diretamente a organizações da América Latina e do Caribe. Seu orçamento operacional consiste de alocações do Congresso dos Estados Unidos e de recursos provenientes do Fundo Fiduciário de Progresso Social.

A IAF publica *Desenvolvimento de Base* em inglês e espanhol e coloca na web-site www.iaf.gov as versões em inglês, espanhol e português, acessíveis em formato PDF ou HTML. O material original produzido pela IAF e publicado na revista é de domínio público e pode ser livremente reproduzido. No entanto, certos materiais foram proporcionados por outras fontes e poderão ter direitos autorais. A reprodução desse material poderá requerer autorização prévia do detentor de direitos autorais. A IAF solicita notificação de qualquer reprodução e menção da fonte. *Desenvolvimento de Base* aparece no catálogo do *Standard Periodical Directory*, no *Public Affairs Information Service Bulletin*, no *Hispanic American Periodical Index* (HAPI) e no banco de dados de *Agricultural Online Access* (WORLD). Números anteriores, em microfilme, podem ser obtidos da University Microfilms International, 300 N. Zeeb Road, Ann Arbor, Michigan 48106, USA. Para receber a revista, favor enviar e-mail a publications@iaf.gov ou carta ao seguinte endereço:

Desenvolvimento de base
Fundação Interamericana
901 North Stuart St. 10th Floor
Arlington VA 22203

O propósito da revista é compartilhar experiências em desenvolvimento de base com uma variedade de leitores. A redatora incentiva o envio de artigos sobre temas relevantes que tratem, embora sem exclusividade, dos seguintes temas:

- Como a população de baixa renda da América Latina e do Caribe se organiza e trabalha para melhorar as suas condições de vida;
- Problemas e tendências da comunidade em desenvolvimento; e
- Como as instituições colaboram para promover o desenvolvimento da região.

Para obter informações mais detalhadas, favor dirigir-se por correio a Paula Durbin ao endereço acima indicado ou por e-mail a pdurbin@iaf.gov.

Capa: Elsa Zaldívar, diretora de Base Educación, Comunicación y Tecnología Alternativa (Base Eta), donatária da IAF, obteve reconhecimento internacional por pesquisar a utilização da bucha como recurso para o desenvolvimento, inclusive em painéis de construção como os que aparecem com ela. Foto cortesia de Base Eta. Na página oposta: Zaldívar com esponjas e seu material experimental para habitação.

Impresso em papel reciclado usando tinta à base de soja.



Fundação Interamericana

Robert N. Kaplan, presidente

Conselho Diretor

John Salazar, presidente interino
Thomas Dodd, vice-presidente interino
Kay Kelley Arnold
Jack Vaughn
Roger Wallace

Desenvolvimento de base

Revista da Fundação Interamericana

Diretora Gerente: Paula Durbin
Editor Colaborador: Eduardo Rodríguez-Frias
Editor de fotografias: Mark Caicedo
Assistentes editoriais: Nancy Díaz, Amanda Gibson
Edições traduzidas: Lillian Oliva Collman, Dário Elias, Anna Maria Greenston
Desenho e impressão: Jon Raedeke, Gráfica do Governo dos Estados Unidos

Desenvolvimento de base

Revista da Fundação Interamericana

VOLUME 32

2 0 1 1

Cortesia Base Ecta



Sumário

Foco: Mulheres líderes na base

A mulher mais tenaz do mundo <i>Patrick Breslin</i>	2
Premiada da Rolex por melhorar da vida com bucha <i>Jeremy Coon</i>	10
Arte e cultura nas lições diárias <i>Wilbur Wright</i>	14
Ajudando as cariocas a quebrar o teto de concreto <i>Amy Kirschenbaum</i>	20
Essas botas foram feitas para gerenciar <i>Mark Caicedo</i>	24
Madame Louise e o longo caminho desde o isolamento <i>Jenny Petrow e Dieusibon Pierre-Mérité</i>	28
Atendimento médico à sombra dos vulcões <i>José Toasa e Paula Durbin</i>	32
Recursos para as microempresas de mulheres <i>Miriam E. Brandão</i>	40
Uma nova frente para ex-guerrilheiras <i>Seth Micah Jesse e Rolando Gutiérrez</i>	44



Jeremy Coon

Na IAF

Primeiro concurso com júri: Um fórum para bolsistas da IAF

A mineração e a democracia: o Direito Internacional torna-se local <i>Amanda M. Fulmer</i>	51
Agricultura e conservação nas Ilhas Galápagos <i>Laura Brewington</i>	54
A marcha do desenvolvimento: Tinkuy de tecelões.....	60
Donatários nas notícias.....	66
Recursos.....	68



Deise Gravina, engenheira civil, capacita brasileiras para empregos na construção.

Foco: mulheres líderes

Este número é dedicado às mulheres que estão na vanguarda do desenvolvimento de base na América Latina e no Caribe. Dificilmente se poderia dizer que sua liderança é um fenômeno novo. Longe de ficar à margem, as mulheres sempre tiveram uma sólida presença na carteira de projetos da Fundação Interamericana, como mostram números anteriores desta revista. Se fizéssemos uma lista de todos aqueles que orientaram os donatários da IAF em mais de quatro décadas, seria extensa.

Seria também diversificada e esta é uma das razões da escolha do tema desta edição. Com demasiada frequência as mulheres são vistas como um grupo único, o que obscurece o fato fundamental da diversidade entre elas. As 10 líderes aqui resenhadas corroboram esta afirmação. Entre elas figuram uma artista, uma inventora e uma recicladora. Outras desenvolveram microempresas e reduziram taxas de mortalidade; trabalham nos mais remotos confins do Haiti e nas favelas do Rio de Janeiro; dirigem organizações não governamentais sofisticadas e bem conectadas, bem como os grupos de base mais incipientes e isolados. Algumas parecem ter tomado o timão como um passo de uma progressão natural; uma descreve seu ascenso como acidental. Algumas enfrentaram adversidades incríveis e ainda seguiram adiante, levantaram a voz e mobilizaram outras. Algumas se dedicam a criar oportunidades para mulheres; outras dirigem projetos onde predominam os homens. Embora na maioria dos relatos deste número de *Desenvolvimento de Base* haja referências à

discriminação como um obstáculo que a mulher ainda enfrenta, outros não têm relação alguma com o gênero.

O que estas mulheres dinâmicas têm em comum é o fato de todas terem um êxito notável, especialmente considerando as circunstâncias, em ajudar os cidadãos mais vulneráveis do continente a avançar no sentido da autossuficiência econômica e do bem-estar pessoal. Seus relatos são convincentes e constituem estudos valiosos de caso para todo aquele que tenha interesse em saber o que impulsiona o desenvolvimento de base no século XXI. Se pudermos fazer alguma generalização a respeito delas seria esta: em última análise, o surgimento de uma pessoa como líder de base parece ser determinado pelo fato de estar ciente de seu poder para mudar a situação para melhor.

Hoje em dia, especialmente na América Latina e no Caribe, as mulheres estão menos limitadas do que nunca por preconceitos. Para a geração que está amadurecendo na Argentina, Brasil, Chile, Costa Rica, Nicarágua e Panamá, a eleição de uma mulher como presidente já não é novidade. Em todas as partes, o futuro oferece uma ampla série de possibilidades que há algumas décadas simplesmente não existiam para a mulher. Os artigos deste número falam sobre o valor de seus talentos, aptidões e compromisso na base, bem com dos desafios e recompensas do serviço. Para essas mulheres — e homens — que respondem a este apelo, as exigências e oportunidades são numerosas, como o também são as formas criativas de trabalhar em conjunto para abordá-las.



Robert N. Kaplan

A mulher mais tenaz do mundo

De Patrick Breslin

Fotos de Patrick Breslin



Nohra Padilla, recicladora.

Muitos anos depois, ao enfrentar as ameaças das sombras violentas da Colômbia, Nohra Padilla se lembraria daquele dia distante em que sua mãe a levou a um aterro de lixo da cidade para descobrir os pequenos tesouros ali lançados — garrafas, latas, papel e papelão que podiam ser classificados, limpos e vendidos para pagar alimento, roupa e educação dela e de seus 11 irmãos e irmãs.

Não é exatamente a cena mágica de perigo e descoberta com que Gabriel García Márquez inicia seu livro *Cien años de soledad*, mas é onde começou a história de Padilla. Com o tempo, ela encontraria naqueles montes de lixo e nas pessoas que os catavam um compromisso total e em si mesma a liderança que mudaria a política, a economia e a cultura da reciclagem, muitas vezes com a oposição de grupos bem estabelecidos que se beneficiavam do status quo. Filha e neta de recicladores, Padilla dirige agora a Associação de Recicladores de Bogotá



(ARB), com um contingente de 20.000 membros, e a Associação Nacional de Recicladores da Colômbia. Ela se reúne regularmente com prefeitos, ministros, filantropos e jornalistas e é convidada ao exterior para compartilhar suas experiências. Aos 41 anos está prestes a conseguir seu diploma universitário em administração pública, tomando cursos quando suas obrigações o permitem. Na mesa de conferências, quando advogados, economistas e engenheiros civis se apresentam pela profissão, Padilla diz simplesmente “recicladora”.

A história de Nohra Padilla é parte de uma série do *Desenvolvimento de Base* que apresenta perfis de indivíduos de toda a América Latina que estão mudando sua sociedade de baixo para cima. Vale a pena destacar nesta edição especial de mulheres líderes que Padilla surgiu de uma organização onde a maioria dos trabalhadores são homens e que entre os recicladores o gênero não é comumente um obstáculo para o avanço.

A história do lixo

Nessa pequena porcentagem de matéria hereditária que separa os seres humanos dos animais, deve haver um gene para produzir lixo. Desde que o homem apareceu na terra nós o produzimos. A maior parte do que sabemos de nossos ancestrais vem de seus dejetos — ossos e dentes fossilizados do que caçavam e comiam, armas e ferramentas rústicas que fabricavam, fragmentos de cerâmica onde outrora guardavam seus cereais e água, contas soltas e pedaços brilhantes de metal com os quais se adornavam e, em suas urnas funerárias, a evidência da idade, sexo, altura, peso, condição social e ferimentos ou doenças que os matavam.

O lixo moderno é quantitativa e qualitativamente diferente. Os montes que deixamos para pesquisa futura são vastas montanhas e lamaçais que ameaçam saturar as cidades dos consumidores que as produzem. Na América Latina, o crescimento urbano disparou desde meados do século XX e o volume de lixo nos depósitos municipais supera o seu ritmo. Periodicamente prefeitos reformistas assumem o cargo com planos ambiciosos, apenas para se depararem com o fato de que sua primeira prioridade deve ser encontrar novos aterros ao transbordarem os antigos. Esses aterros ou depósitos ameaçam a saúde, a segurança e o ambiente ao emitirem gases de efeito estufa na atmosfera, acelerando a mudança climática. Em 2000, uma avalanche de lixo enterrou centenas de filipinos que viviam em um aterro. Mas desde que houve aterros, as pessoas o catam. O lixo de uma pessoa é o tesouro de outra. Na América Latina, a quantidade de recicladores se tem multiplicado com as ondas de migrantes nas cidades. Um censo recente contou 150.000 recicladores na Colômbia. Como centenas de milhares de colombianos rurais, os pais e avós de Nohra Padilla fugiram dos campos de Boyacá e Cundinamarca devido à horrível violência que arrasou o campo na década de 1940. Tão maciça foi a fuga que em princípios da década de 1960 a Colômbia se tinha transformado em uma nação com maioria urbana. A família Padilla estabeleceu-se em

Las Cruces, um bairro próximo ao centro de Bogotá que ainda tinha terreno disponível.

Se os migrantes encontraram segurança em seu novo ambiente, foi mais difícil conseguir trabalho e teto. Moradias construídas em terrenos baldios com restos de madeira, latas amassadas e placas de papelão originaram as favelas caóticas que surgiram da noite para o dia e se transformaram no rosto da pobreza urbana na região. Na ausência de emprego, alguns migrantes sobreviviam catando no lixo qualquer coisa que pudessem vender. Padilla nasceu na reciclagem e tornou-se experiente nela antes de completar 10 anos de idade. Mas embora a necessitassem no aterro, seus pais puseram em primeiro lugar sua instrução escolar. Com apenas um ano de escola, a mãe de Padilla aprendeu sozinha a ler e escrever e em seguida ensinou seu marido. Seus filhos combinaram o trabalho com o estudo, até o ensino médio no caso de Nohra. Mas o pai de Nohra ficou deficiente permanente em um acidente industrial e morreu quando ela tinha 13 anos. O reciclado manteve a família solvente, embora atada a um dos redemoinhos da pobreza: “Reciclo porque sou pobre e não saio da pobreza porque somente sei reciclar”. Para que o reciclador escapar do redemoinho, alguém precisava proporcionar a força centrífuga.

As políticas do lixo

Em 1999 Marcela Chaves, uma trabalhadora de campo da Fundação Corona da Colômbia, levou-me para visitar uma organização incipiente de recicladores que ela estava assessorando por meio do programa FOCUS, o qual estava recebendo assistência da Fundação Interamericana. Fomos de carro até uma das áreas mais pobres na orla sul de Bogotá para reunir-nos com residentes de Las Marías, uma comunidade literalmente construída sobre o lixo. A área tinha sido uma lagoa rasa que os migrantes encheram de terra e lixo, pisando tudo e em seguida construindo moradias precárias no novo terreno. Um grupo das pessoas que viviam da reciclagem tinha decidido organizar-se em uma cooperativa dentro da Associação de Recicladores de Bogotá. Suas condições de trabalho eram tão precárias como sua moradia. Suas carroças frágeis puxadas por cavalos mancos andavam no acostamento das estradas e das ruas principais, esquivando-se de veículos em velocidade

enquanto carregavam fardos de papelão e montes de jornais. Empilhavam seus materiais ao lado das casas e em seguida os vendiam por uma miséria a intermediários. Tinham sorte quando ganhavam US\$4 por dia, mas ninguém com quem conversar parecia amargurado. Vários, de fato, disseram que preferiam a liberdade de ser o próprio chefe e trabalhar nos dias e nas horas que quisessem. Ao decidirem incorporar-se à Associação, entraram em contato com Nohra Padilla, que ia mudar a vida deles.

Padilla, naquela época com 29 anos, era uma mulher atarracada e baixa, vestia uma suéter grossa e jeans com bainha dobrada e usava seu abundante cabelo castanho em forma de tranças ou coque. Ela coordenava a organização para a Associação e estava ajudando o grupo de Las Marías a estar em condições de vender seu produto diretamente à indústria para conseguir melhores preços do que os pagos por intermediários. Padilla dava a aparência de ter vindo correndo de uma reunião e, quando saiu, estava correndo para a próxima. Mas entre uma e outra estava concentrada, ouvindo atenciosamente e respondendo rápida e decisivamente, dando ênfase às suas palavras com gestos. Marcela Chaves a viu como líder promissora.

Na realidade, Padilla tinha sido líder desde adolescente. Aos 14 anos começou a frequentar a escola noturna para ter os dias livres para ajudar a manter a sua família. Ela e alguns vizinhos e amigos da escola formaram um grupo de coleta de material em conjunto. Em breve estavam trabalhando para melhorar seu bairro de Tisquesusa, em Las Cruces, onde o despejo ilegal diário de lixo tinha atraído grandes quantidades de roedores e moscas, causando doenças dérmicas e respiratórias. O grupo de Padilla pressionou as autoridades e empenhou-se em remover a lixo, cavou drenagens para evitar inundações, canalizou a água para coletores públicos e desenhou um parque com quadras esportivas.

Quando no fim da década de 1980 o governo municipal de Bogotá decidiu fechar o aterro principal que mantinha 200 recicladores, Padilla e seus amigos formaram cooperativas para defender seus interesses. Inicialmente ignorados pela cidade, pressionaram com êxito por negociações fechando estradas e incendiando o aterro. As autoridades municipais persistiram em fechar o aterro, mas

“Eu passo longos períodos sem salário. Mas não sou a única. Muitos de nós temos doado tempo e esforço à Associação.”

reconheceram as cooperativas, apoiaram seus esforços para organizar a coleta de lixo e proporcionaram a seus membros cartões de identidade e uniformes que lhes conferiram um status semioficial. As quatro cooperativas criadas naquela época transformaram-se no núcleo da Associação de Recicladores de Bogotá, fundada em 1990.

Em toda a Colômbia o apoio aos recicladores provinha da Fundación Social (FS), destacado ex-donatário da IAF, que canalizou os lucros de diversos negócios que controlava, principalmente no setor financeiro, para o combate à pobreza. Um programa de FS ajudou grupos de recicladores a encontrar depósitos, melhorar o transporte e ter acesso à seguridade social, educação, serviços de saúde e cuidado infantil. Em 1991, a FS começou a informar os colombianos sobre os benefícios da reciclagem. Com fundos da FS, a Associação comprou uma estrutura precária, reciclando-a na sede ampla e espaçosa da organização, que inclui um escritório, local de reuniões, cozinha, refeitório, um pátio fechado e uma creche.

Quando uma crise bancária posterior restringiu temporariamente o apoio da FS, Padilla foi nomeada diretora da associação de recicladores.

“Desde então”, diz Padilla, “temos procurado chegar à autossuficiência. Mas isso é muito difícil para uma organização cujos membros estão entre os mais pobres da sociedade. Eu passo longos períodos sem salário, apenas recebo dinheiro para passagem de ônibus ou emergências. Quando recebo salário? Quando consigo financiamento para um de nossos projetos e posso cobrar custos administrativos. E não sou a única. Muitos de nós temos doado tempo e esforço à Associação”. Com certo apoio da IAF, a Fundação Corona, uma fundação empresarial, interveio para apoiar as iniciativas dos recicladores para organizar e profissionalizar seu trabalho. Mas maiores obstáculos estavam à frente. Em 1999, o governo de Bogotá começou a formular um plano mestre para a cidade tendo como principal preocupação a coleta e a remoção do lixo. Em 2003, a possibilidade de apresentar propostas de licitações foi restrita a empresas



Em uma reunião na sede de ARB, Padilla é o centro de atenção.

registradas que prestavam serviços de saneamento. Os recicladores não somente foram marginalizados, mas foram afastados de suas rotas habituais. A ajuda veio de uma fonte insólita.

Alfonso Fidalgo era um consultor bem-sucedido e com conexões políticas que vivia em um espaçoso departamento em Bogotá próximo à Zona Rosa, uma área de prestígio. Homem elegante com sobranceiras expressivas, traços fortes e cabeleira espessa negra e ondulada, Fidalgo é uma dessas pessoas de muita energia capazes de manter uma reunião e simultaneamente atender a três chamadas celulares. Uns anos antes ele tinha participado de uma reunião, apenas a convite, na cidade turística de Melgar onde líderes empresariais se reuniram com representantes de guerrilheiros em conflito com o Estado — parte de um processo de paz lançado pelo governo da Colômbia que no final não teve êxito. No encontro, Fidalgo ouviu uma palestra de Nohra Padilla e de um colega dela sobre os problemas dos catadores de lixo.

“Foi amor à primeira vista”, me disse Fidalgo. “Eu senti que eles tiveram o maior impacto entre todos os oradores”. Impressionado pelas implicações do que eles disseram, tanto no combate à pobreza como na melhoria do meio ambiente, ele se ofereceu como voluntário para ajudá-los a obter fundos de uma fundação espanhola. Quando isso não foi adiante, ele convenceu alguns amigos e colegas, entre eles o advogado Luis Jaime Salgar, a fazerem parte de um grupo de apoio informal aos recicladores. Salgar ajudou a Associação a contestar o decreto do governo que tinha marginalizado os recicladores. A apelação baseou-se no direito fundamental das pessoas ao trabalho, como está garantido na Constituição Colombiana de 1991 e teve êxito. Não somente foi anulado o decreto, mas foi dado aos recicladores um lugar no sistema de gestão do lixo da cidade. “Este foi um dos trabalhos mais bem remunerados de minha vida”, me disse Fidalgo. “Não em termos de dinheiro, mas de satisfação. Aprendemos muitíssimo. Ajudar os recicladores não tem um lado negativo. Tem sido bom para eles e para todos. É um círculo virtuoso”.

O aspecto econômico do lixo

Quando visitei Las Marías pela segunda vez, o grupo, graças à Fundação Corona e à Associação, tinha começado a sair do círculo da pobreza ao adquirir um

pátio parcialmente coberto onde se podia pesar a contribuição de cada reciclador e armazenar materiais até encher caminhões para vender diretamente às indústrias. As condições de trabalho continuavam a ser terríveis. Vi a carroça com carga total e uma mulher forte no lugar do cavalo entre os varais, esforçando-se por levantá-la em uma rampa até o local de armazenagem. Em um canto do andar térreo de um edifício de uma área industrial, um jovem, como se fosse arremessador de beisebol fazendo esquentamento, atirava ritmicamente contra uma parede de cimento garrafas que explodiam como granadas. O monte de vidro quebrado resultante era um perigo para quem tivesse de manipulá-lo, mas o vidro poderia ser limpo mais eficientemente que as garrafas intactas — um passo inicial nos degraus da escada do reprocessamento.

Por muito tempo Padilla teve duas ideias orientadoras sobre como os recicladores poderiam escapar da armadilha da pobreza: entrar gradualmente no reprocessamento e passar a empregos fixos de limpeza de edifícios e cuidado de parques públicos. Quando ela fala de lixo, a gente se esquece dos aterros lamacentos e fétidos e imagina a sala de reuniões da diretoria de uma empresa onde o diretor executivo apresenta o plano empresarial. “Queremos controlar todo o processo de reciclagem de plásticos, desde a coleta, classificação e esterilização até o reprocessamento da matéria-prima para a indústria”, afirmou. “Por que o plástico? Porque o papel é controlado por umas poucas multinacionais industrializadas. O mesmo ocorre com metais e vidro, mas não com o plástico. E é possível processar completamente o plástico com maquinarias relativamente simples. Nosso outro enfoque são os metais não ferrosos, alumínio e cobre, não encontrados tão comumente, mas cujo valor aumenta muito rapidamente com o que fizermos com eles. Em plásticos e metais não ferrosos nós podemos competir”.

A Associação pôs em marcha uma estratégia no Alquería Parque de Reciclaje, um centro bem organizado que ocupa a maior parte de um quarteirão da cidade, que obteve mediante um contrato com o governo municipal de Bogotá. O aspecto ameaçador dos cães do tipo Rottweiler que cuidam da entrada faz lembrar que o cão do aterro é uma metáfora da ferocidade e que o lixo tem valor e deve ser protegido. Passados os cães, caminhões descarregam toneladas



Triturando uma revista no amplo centro de processamento de ARB no Parque La Alqueria.

de recicláveis não classificados em algumas das sete plataformas de carga. Sob um teto elevado, recicladores uniformizados e com luvas, provenientes de 21 cooperativas, alguns com máscaras cirúrgicas, fazem rodízio na separação dos materiais. No dia de minha visita, uma senhora de meia idade, de aspecto digno, estava desmembrando metodicamente uma revista repleta de fotos acetinadas de modelos de lingerie, sendo as folhas lançadas em grande tambor azul. Do outro lado do pátio havia construções menores que abrigavam escritórios e salas de aula onde os recicladores tomam cursos oferecidos pelo Servicio Nacional de Aprendizaje (SENA), da Colômbia, organismo de capacitação profissional em operação há meio século. O equipamento de processamento incluía uma longa máquina amarela um tanto parecida na forma e tamanho ao escâner de bagagem de mão dos aeroportos.

A mudança nas condições trabalhistas que essa máquina representava ficou claro em um bairro do sul de Bogotá, o qual, de acordo com Padilla, era uma das zonas mais tóxicas da cidade. Os homens arrastavam os pés pelas ruas lamacentas com pesados fardos de

peles curtidas sobre o pescoço e ombros dobrados. Passamos por uma porta metálica verde, atravessamos um espaço lúgubre e entramos em uma estrutura desmantelada de dois andares onde sacos de plástico eram preparados para reciclagem. Dezenas de enormes sacos de lona cheios de sacos plásticos estavam esparados por todas as partes. Subindo por uma escada vacilante forrada com mais destes fardos, dois jovens estavam frente a facas ameaçadoras presas a um suporte, gume afiado apontando para cima. Eles pegavam os sacos, um de cada vez e os cortavam. Embaixo, outros trabalhadores usavam pás para enfiá-los em uma solução borbulhante e fervente em grandes tanques abertos. Um inspetor do OSHA, organismo de segurança trabalhista dos Estados Unidos, teria saído à rua, correndo e gritando.

Na instalação do Parque Alqueria, todo esse trabalho perigoso está contido com segurança dentro da enorme caixa amarela. Pega o plástico por um extremo, aquece-o até derretê-lo, esfria-o na água e, em seguida, o retira do outro lado em forma de cordas parecidas a espaguete de cor cinza escuro. Uma pequena guilhotina corta as cordas em grânulos

purificados que são ensacados e vendidos a fábricas que os transformam em cadeiras, mangueiras de jardim, mais sacos plásticos — uma quantidade quase infinita de produtos. Com as instalações de



Jairo Alape prepara bolsas plásticas para reciclá-las cortando cada uma delas com um faca presa a um banco de trabalho no depósito da ARB no lado sul da cidade. O plástico cortado é submerso em uma solução borbulhante e fervente em grandes tanques abertos.



Um processo mais seguro teve início nas instalações da Associação no Parque La Alqueria. O processo completo está contido em uma máquina de metal que derrete o plástico por aquecimento, o esfria e em seguida o retira em pedaços purificados que são envasados e vendidos.

Alqueria, os recicladores da Associação passaram a ser parte integrante do sistema de gestão de resíduos de Bogotá, um grande avanço em comparação com o espaço poeirento aonde os recicladores de Las Marías

levavam seus materiais há mais de uma década. Além desta integração vertical, Padilla também está empenhada em expandir horizontalmente para as atividades de limpeza e jardinagem já mencionadas. “Não há o lucro como o da reciclagem, mas há muitos empregos que utilizam um reciclador que não está ganhando muito na rua e o colocam em um trabalho diferente mas relacionado”, explicou.

A cultura do lixo

Se os uniformes e crachás deram identidade aos recicladores, a disposição de rotas e horários regulares representou outro marco, eliminando a concorrência pelos mesmos montes de lixo e facilitando a conexão com as pessoas que põem o lixo para ser recolhido. Saber que podiam contar com as mesmas pessoas que apareciam ajudou os residentes de Bogotá a aceitar a sugestão de separar os materiais recicláveis dos resíduos orgânicos. Isto tornou o trabalho mais fácil e mais limpo, evitando maior manuseio de sacos e latas de lixo. Uma melhor comunicação reforçou a ideia de que os recicladores não eram marginais, mas trabalhadores que prestavam um serviço importante. “Gradualmente veio o reconhecimento de que, por exemplo, nós ajudamos a preservar as árvores”, disse um reciclador. “Se este monte de papelão triturado não fosse reciclado, imagine todas as árvores que teriam de ser cortadas”. Ao se tornarem mais organizados os seus esforços, as contribuições dos recicladores passaram a ser mais evidentes. Padilla calcula que grupos da Associação recolhem para reciclar pelo menos em 15% do lixo produzido cada dia em Bogotá, cerca de 100

toneladas de materiais. Isto significa que este trabalho prolonga a vida dos aterros de lixo da cidade em percentagem igual.

Com rotas e horário fixados, a liberdade do catador desapareceu. Alguns recicladores deixaram a Associação, mas outros apreciam os benefícios que proporciona. Por exemplo, o centro, na sede, onde os membros podem deixar os filhos das 8h00 às 16h00 e receber serviços médicos e odontológicos. Desde 2006, o centro participa do programa Bogotá Sem Fome, financiado pelo governo, que serve 300 refeições quentes por dia, na grande maioria a pessoas de baixa renda do bairro, bem como a recicladores e seus filhos. Pouco depois de iniciado este programa,

Padilla sempre destaca o fato de cada vitória ter aumentado o respeito público pelos recicladores e a própria autoestima deles.

Padilla me convidou a almoçar para mostrar-me como o centro estava manejando bem a responsabilidade adicional. Atrás de nós, uma longa fila de pessoas esperava pacientemente, conversando em voz baixa, abrindo espaço para que o ocupado pessoal passasse por todos lados. “Dizem que somos desorganizados”, afirma Padilla, “mas veja como todos se comportam bem. Há respeito. Há atenção na apresentação da comida. Isso é importante”.

Seu comentário sobre o alimento me fez recordar outros líderes de base que também notam todos os detalhes, especialmente aqueles que incentivam o orgulho. A pobreza está nas realidades concretas da vida, mas também atinge a mente e superá-la é em parte uma questão de atitude. Quando Padilla explica o que a Associação tem alcançado, ela sempre destaca o fato de cada vitória ter aumentado o respeito público pelos recicladores e a própria autoestima deles.

Defendendo-se dos Sopranos

A gestão do lixo é um negócio duro, onde não há lugar para os débeis. Cumpre lembrar que a base do império criminoso de Tony Soprano, da série da HBO, residia em rotas do lixo e nos contratos municipais que

as adjudicavam. Na década de 1990, quando Padilla iniciou sua campanha para ter acesso ao processo de licitação, ela e seus colegas receberam ameaças de grupos misteriosos que consideravam os pobres organizados como subversivos. Por detrás disso Padilla percebeu a presença de proprietários de negócios que se estavam beneficiando do controle da coleta de lixo e que não queriam concorrência. As tentativas de intimidação, bem como as ofertas de suborno, aumentavam sempre que havia revisão de contratos. Houve episódios violentos; recicladores perderam a vida em enfrentamentos pelo acesso aos aterros sanitários. Ante o perigo Padilla diz que sua organização procurou sem êxito a ajuda das autoridades. De fato, afirma, seus membros são às vezes acoados pelas autoridades e sempre precisam estar vigilantes contra propostas para revogar os seus direitos.

Indômita, Padilla continuou sua campanha, mas também está trabalhando para melhorar a comunicação e a segurança interna em sua organização. Apresentou à imprensa queixas sobre ameaças; e se tem apoiado em seus parceiros, incluindo colombianos proeminentes como Fidalgo e Salgar. Não retrocede em sua exigência de que os recicladores tenham um lugar à mesa quando se negociam os contratos e se tomam decisões sobre salubridade e serviços de reciclagem em Bogotá.

Os esforços para alcançar esta meta lhe conquistaram a relutante admiração dos burocratas municipais. Eu estive em uma difícil reunião em um escritório de governo sobre resíduos perigosos no lixo e as leis que supostamente os regulam. A conversação se desviava pela tangente, mas Padilla voltava ao tema central. Ela se queixava de que sua organização não tinha recebido as informações prometidas sobre a legislação proposta. “Não estou perguntando se há alternativas”, disse em um momento, “estou afirmando que não há controle das autoridades”.

Minutos depois, já fora na calçada, uma mulher que tinha estado na reunião assim se expressava enquanto Padilla continuava a insistir em seus critérios: “Nohra Padilla,” pronunciou a meia voz, é “a mulher mais tenaz na face da terra”.

Patrick Breslin, ex-vice-presidente de relações externas da IAF, aposentou-se depois de 22 anos de serviço. Pode ser contactado pelo e-mail patbreslin@yahoo.com.

Premiada da Rolex por melhorar a vida com bucha

De Jeremy Coon

“Em um Paraguai rural assolado pela pobreza, uma ativista social inovadora descobriu um novo uso para uma antiga planta. Elsa Zaldívar, cujo compromisso de longos anos de ajudar as pessoas de baixa renda e ao mesmo tempo proteger o meio ambiente lhe conquistou profundo respeito em sua terra natal, encontrou a forma de combinar a bucha — uma planta com aspecto de pepino que é secada para transformar-se em uma esponja áspera usada como abrasivo esfoliante — com outras matérias vegetais como palha do milho e folhas de palmeira carandaí, juntamente com plástico reciclado, para formar painéis ou pranchas fortes e leves. Podem ser utilizadas em móveis e construção de moradias, isolando-as da temperatura e do ruído. Cerca de 300.000 famílias paraguaias carecem de habitação adequada”. — www.rolexawards.com



Elsa Zaldívar trabalhando com bucha recém-colhida.

Durante 20 anos, Elsa Zaldívar, Diretora de Base Educación, Comunicación y Tecnología Alternativa (Base Ecta), tem focado formas práticas de melhorar as condições de vida das comunidades rurais paraguaias, especialmente para mulheres, e suas realizações tornaram-se conhecidas. Em 2008, quase simultaneamente com a concessão de uma doação da IAF à Base Ecta, Zaldívar foi um dos cinco laureados com o Prêmio Rolex para Empresários, escolhidos entre 1.500 candidatas. E isto ocorreu poucos anos depois de Zaldívar ter recebido a distinção do Ashoka Fellow. Uma busca no Google de “Zaldívar” traz páginas de referências, como se pode esperar, dada a estima que tal prêmio inspira. Ao procurarmos no site da Wikipedia em inglês a palavra “bucha”, podemos observar Zaldívar mencionada em relação ao novo uso que ela descobriu do resíduo desta planta tropical cujas possibilidades ela continua a explorar.

Zaldívar nasceu em Assunção em 1960 durante o regime do General Alfredo Stroessner, a ditadura mais prolongada da América do Sul. Sua mãe era artista e seu pai advogado que não podia exercer a profissão por se opor ao regime, mas mantiveram a família com trabalhos diversos. De fato, Zaldívar cresceu rodeada de gente disposta a pagar o preço por seus ideais. Embora seus pais tivessem optado por renunciar à eletricidade e criar seus sete filhos em 10 hectares em San Lorenzo, nos arredores da capital, eles não pouparam em educação. “Aprendi a pensar que podia fazer tudo e ser tudo o que queria”, disse Zaldívar sobre sua instrução progressista. Sua participação em programas da Associação Cristã de Jovens local a levou, ainda adolescente, a conferências na América Latina e nos Estados Unidos,

onde descobriu sua vocação pelo desenvolvimento e o trabalho de campo.

No fim da década de 1970, quando Zaldívar estava pronta para fazer estudos universitários e as oportunidades para mulheres se estavam abrindo em todo o mundo, as mulheres paraguaias continuavam limitadas a serem secretárias, bibliotecárias e professoras. Esperava-se também que elas vivessem em casa até o casamento, pelo que a decisão de Zaldívar de compartilhar uma casa com outras quatro jovens enquanto estudava na universidade foi tão pouco

convencional que chegou a ser assunto na imprensa local. Zaldívar estudou jornalismo mas, segundo comentou, em breve percebeu que o ativismo político de sua família e sua própria reputação em não observar normas tornariam impossível seu ingresso na profissão enquanto Stroessner estivesse no poder. Assim, ao concluir os estudos, dedicou-se à sociedade civil paraguaia para ganhar a vida. Primeiro foi bibliotecária de uma organização sem fins lucrativos; em 1992, depois de uma breve pausa para cuidar de seus dois filhos menores, Zaldívar entrou para a Base Ecta, organização não governamental que desenvolve líderes comunitários e grupos de base e passou

por diversos cargos enfocados na mulher. Ela atribuiu importância ao trabalho e ficou impressionada pelo fato de a diretoria incluir tanto mulheres como homens. “Muito poucas organizações têm filiação mista e inclusive a maioria das ONGs progressistas do Paraguai continua dominada por homens”, explicou recentemente.

Zaldívar atribui aos avós paternos o seu amor pela vida rural e sua primeira relação com a bucha que eles cultivavam em sua propriedade agrícola. Foi em



Enroladora de bucha.



Bucha seca ao sol para ser exportada como tal ou para fabricação de esponjas, chinelos e tapetes.



Resíduos do processamento.

meados da década de 1999 em Caaguazú, departamento na região oriental do Paraguai outrora conhecido por suas florestas densas e carpintaria aprimorada, que lhe ocorreu a ideia da bucha como recurso para o desenvolvimento. Naquela época ela se concentrava em trabalhar com mulheres para melhorar suas condições mediante a construção de cozinhas e latrinas, mas sabia que em última análise precisavam de uma renda. Conforme relata, durante um viagem a Repatriación, um pequeno povoado outrora rodeado de florestas e agora de campos de soja, ela observou uma espécie de cabaça em forma de abobrinha, pendurada de uma árvore, que lhe recordava a infância. Como matéria para esponja, há muito tempo a bucha tinha sido suplantada pelos produtos sintéticos. No entanto, recordou Zaldívar, “eu sabia que este era o produto que poderia gerar renda para as mulheres”. Levou a ideia a Teodora Arguello, da Organización Campesina de Repatriación (OCAR), que disse que as mulheres de OCAR estariam interessadas em experimentar a bucha.

Com mulheres da Organización Campesina de San Joaquín (OCSJ) e Coordinadora de Agricultores Asociados (CODAA), elas começaram a cultivar a planta, aprendendo por teste e erro e ainda continuam a experimentar diversos usos. Inicialmente os maridos e outros homens das três organizações se mostraram céticos e zombadores. Mas as mulheres persistiram e começaram a produzir esponjas, chinelos, palmilhas e tapetes para o mercado interno. As três organizações

deram mais impulso à empresa ao criar a Asociación de Productores Agropecuarios del Caaguazu (APAC), que até 2009 comercializou grande parte de seu estoque com varejistas que atendem a clientes exigentes da Europa, Canadá e Taiwan. Mas quando a APAC passou a ser controlada pelos mesmos homens que outrora ridicularizavam o empreendimento como algo que “não levava a nada”, as mulheres recorreram à OCAR para a comercialização. Algumas iniciaram empresas familiares. Para atender à demanda, a OCAR e algumas das famílias da CODAA estão empenhadas em persuadir outros a cultivar e processar a bucha.

Com modéstia, Zaldívar atribui à crise financeira do Paraguai de 2000 a criação de um vácuo na liderança da Base Ecta que ninguém queria assumir naqueles tempos difíceis. Em vez de deixar a Base Ecta se dissolver, Zaldívar não somente decidiu tomar o leme, mas também transferir de forma permanente a sede de Assunção para sua casa em San Lorenzo. Um ano mais tarde seu trabalho pioneiro com a bucha foi reconhecido com o prêmio Ashoka Fellowship que lhe permitiu continuar a explorar o potencial da planta no mercado e ao mesmo tempo resolver algo que a estava preocupando. Zaldívar estava tentando encontrar um uso aos dois terços da bucha de qualidade inferior para esponjas ou que se perdiam no processo de fabricação. Um desmatamento galopante, o trabalho da Base Ecta em tecnologias alternativas para construção e as propriedades que tornam a bucha um isolante natural



Painéis para a construção que incorporam os resíduos.



Uma casa modelo em construção utilizando os painéis.

contra o calor, frio e som a levaram a consultar fabricantes de materiais de construção. Em breve, Pedro Porajas Padros, engenheiro civil espanhol residente no Paraguai, decidiu colaborar com ela. O grande passo ocorreu quando ele combinou a bucha com plástico descartado e produziu painéis apropriados para a construção.

Mas justamente quando a Rolex anunciou a escolha de Zaldívar como uma das premiadas, Porajas Padros descobriu que a juta funcionava melhor do que a bucha nos painéis. A decepção de Zaldívar era compreensível. Sua atenção concentrava-se nas sobras de bucha e o Paraguai não produz juta. Ela queria continuar a fazer experiências com a bucha, mas Porajas Padros estava satisfeito com sua invenção e a patenteou. A Rolex manteve o prêmio. Com uma tecnologia que utilizava bucha ou juta, os painéis ou pranchas resultantes eram baratos e de fácil fabricação, reduzia-se a necessidade de madeira na construção, reciclava-se o plástico e geravam-se receitas para famílias da zona rural.

O prêmio teve como resultado uma intensa atenção da mídia internacional sobre a Base Ecta. Zaldívar investiu os US\$100.000 do prêmio em equipamento para produzir os painéis e em avançar os testes e a pesquisa de mercado. No entanto, apesar da escassez de moradias e do intenso desmatamento em âmbito local, os fabricantes paraguaios têm sido lentos em produzir os painéis. Zaldívar atribui a indiferença à preferência por inovações e tecnologias importadas. Ser mulher,

afirmou, também coopera contra a aceitação de sua ideia. Mas fora do Paraguai, especialmente em países que produzem juta, a tecnologia está gerando interesse.

Zaldívar está justificadamente orgulhosa de ter desenvolvido um material de construção barato que reduz o resíduo sólido e a degradação ambiental e está decidida a encontrar a combinação ideal para o Paraguai. Está também interessada em que seu trabalho com a Base Ecta continue a produzir efeito. “Não há recursos suficientes nem organizações que proporcionem oportunidades para mulheres”, afirmou. “Precisamos trazer gente nova à organização e à sua liderança, conseguir mais fontes de financiamento que não dependam da minha reputação e participar de mais iniciativas empreendedoras que utilizem materiais locais”. Assim a prioridade de Zaldívar continua a ser inventar tecnologia com base nos recursos disponíveis no Paraguai rural. Atualmente está experimentando com uma combinação de bucha e amido de mandioca, já utilizado em madeira compensada, para desenvolver um material com um acabamento semelhante ao gesso que possa ser usado para tapar buracos e fendas nas paredes e proporcionar isolamento. Vários protótipos são promissores e ela já os está testando. Há outra inovação a caminho? Considerando a determinação de Zaldívar, eu não apostaria que não.

Jeremy Coon é representante da IAF para a Argentina, Paraguai, Sul do Brasil e Uruguai.



Educação nos Andes:

arte e cultura nas lições diárias

De Wilbur Wright

Salpicando a montanha andina há pequenas escolas, na maioria com uma única sala de aula, onde um só professor se encarrega de ensinar as crianças indígenas peruanas as matérias básicas seguindo o currículo oficial obrigatório sem qualquer relevância para elas ou para o seu ambiente.

Embora o ano letivo seja de 180 dias por ano, as crianças desta região com frequência recebem apenas 25% deste tempo. Os professores, geralmente de fora da população designada, muitas vezes utilizam um ou mais dias úteis para viajar das casas distantes até as escolas. Disputas de pessoal, conflitos trabalhistas, desacordos políticos, mau tempo e desastres naturais

Fotos de Jefry Andrés Wright

podem tirar ainda mais tempo de aula das crianças. Os pais têm pouca participação na educação dos filhos, uma interação mínima com o professor e nenhuma presença na sala de aula. Muito provavelmente o professor não fala quéchua nem aimará, as línguas indígenas mais comuns dos Andes, e só falam espanhol alguns dos homens e nenhuma das mulheres dos povoados. Quando o governo distribui alimentos, o professor pode contratar uma das mães para cozinhar para os estudantes, mas ela geralmente trabalha em um barracão rústico e nunca entra na escola.

Em 1990 Laura Russell, artista de Los Angeles, visitou Cusco. Fazendo longas caminhadas pelo

Caminho do Inca, observou estudantes esforçando-se por entender as instruções em um idioma desconhecido e memorizar e recitar fatos sobre um mundo totalmente alheio a eles, privados de qualquer oportunidade de expressão pessoal. Essa imagem perseguiu Russell durante meses e em 1991 regressou a esses altiplanos com materiais de arte e uma paixão por ajudar as crianças a aprender honrando sua cultura e incentivando sua criatividade. Os adultos da comunidade a consideraram uma mulher excêntrica na melhor das hipóteses ou que não girava bem da cabeça, mas a alegria pura de aprender suscitada pelos workshops de Russell foi algo que não lhes passou despercebido. A notícia se espalhou e povoado após povoado começaram a convidar “a louquinha” a realizar workshops para seus filhos.

Tal foi a procura que Russell consultou professores aposentados e outros cusquenhos interessados sobre a possibilidade de formar uma organização

não governamental que apoiasse mais workshops. Em 1994 eles fundaram o Taller Movil de Arte. Receberam seu financiamento inicial do Centro de Estudios Bartolomé de las Casas, então parte de um convênio cooperativo com a Fundação Interamericana. Esta pequena doação e o patrocínio pessoal de Russell e outros permitiram que uma equipe de oito instrutores capacitados levasse os workshops a 30 comunidades indígenas de todo o altiplano de Cusco nos três anos subsequentes. Em 1998 o Taller Movil foi reorganizado como Asociación Cultural Allyu Yupaychay (YUPAY). As palavras quéchuas, que significam “guardiães do respeito”, refletem a meta da YUPAY de desenvolver um currículo que use arte e identidade indígenas como plataforma para ensinar as matérias básicas em escolas de uma única sala de aula e múltiplas séries. Uma lição de ciências sobre a metamorfose da borboleta, por exemplo, incorporaria a experiência prática de



Larry Palmer

Laura Russell e residentes de Cusco.



Ajudantes de sala de aula programam a sua capacitação durante o ano, geralmente durante as férias escolares.

aplicar o espectro de cores e noções de simetria e proporção e introduziria as crianças nas três etapas do desenvolvimento do inseto e o significado da borboleta na cultura quéchua.

Vital para o enfoque é o grupo de residentes comunitários, na maioria homens e mulheres jovens escolhidos pelos vizinhos, capacitados para ajudar nas atividades de arte que transmitem importantes conceitos de matemática, ciências, história e geografia, desenvolvendo ao mesmo tempo nos estudantes o sentido da autoestima e do orgulho em seu patrimônio. Estes ajudantes de sala de aula também cumprem a função crucial de explicar aos pais a relevância cultural do trabalho em classe. A YUPAY não somente atribui valor ao fato de acompanharem as atividades realizadas na escola, mas também à sua participação nessas atividades. A participação dos pais faz que os professores se sintam menos isolados e mais comprometidos com as crianças.

A observação de primeira mão é essencial para apreciar plenamente a eficácia da YUPAY.

Inicialmente, o visitante tem a impressão de estar entrando em uma comemoração. As crianças estão reunidas em grupos animados, falando, rindo, muito poucos sentados nas carteiras. O professor caminha entre elas, observando e incentivando. Um ajudante de sala de aula traz materiais, incentivando uma atividade ou desenvolvendo um projeto concluído. O trabalho de cada criança é aceito como tendo mérito; não há crítica nem rejeição. À medida que o professor revisa o produto terminado com todas as crianças, a criatividade, peculiaridade e perspectiva de cada uma são reconhecidas como componentes de um único enfoque na tarefa designada. O ajudante interpõe uma perspectiva local e provoca novos comentários. Terminado o dia escolar, as crianças recolhem seu trabalho para deixá-los secando ou o preparam para ulterior elaboração ou o levam para casa para mostrar às suas famílias. Deixam a escola satisfeitos com suas realizações.

Mas no final do ano letivo os estudantes demonstram maior compreensão das matérias consideradas

obrigatórias pelo Ministério de Educação peruano? Os resultados de provas realizadas em 2007, 2008 e 2009 na segunda, quarta e sexta séries em 10 escolas participantes do município de Tcheca e duas escolas não afiliadas à YUPAY são esclarecedores e incentivadores. Os alunos das escolas participantes tiveram um desempenho significativamente superior

aos das escolas não afiliadas no tocante ao cumprimento das metas estabelecidas pelo Ministério da Educação. Para os interessados em cifras, a diferença foi de 80%. A disparidade foi ainda maior entre os grupos da segunda série: as provas mostraram que os estudantes de escolas não afiliadas na realidade perderam terreno em seu primeiro ano de escolarização. Os resultados são mais surpreendentes considerando que as escolas não afiliadas tinham um quadro de professores mais experimentado e estável e que as crianças se tinham beneficiado de maior exposição a atividades pré-escolares. Mais



Um aprendiz observa o desenvolvimento de uma classe de séries múltiplas.

impressionante ainda, a pontuação dos alunos da quarta série que tinham sido ensinados com a metodologia da YUPAY desde a primeira série e tinham feito provas todos os anos indicou que tinham progredido mais rapidamente do que as crianças que entraram em contato com a metodologia da YUPAY na quarta série. Quanto mais cedo ficavam expostos à relevância da arte e da cultura nas lições diárias, mais rapidamente avançavam no cumprimento das metas do Ministério da Educação.

O reconhecimento do êxito da YUPAY está começando a penetrar no sistema educacional. Os

Educadoras andinas

Além de pastorear animais, algo muitas vezes compartilhado, o que toca aos homens geralmente os leva para fora da casa, ao passo que o que diz respeito às mulheres as mantém no lar. No entanto, cabe à mulher o controle econômico e social da unidade familiar. Embora exista a ideia de que os homens são a força dominante e nas reuniões comunitárias sejam os que mais falam, as opiniões expressas são acordadas antes de saírem de casa. Com o correr dos anos fico desapontada ao perceber que um maior número de mulheres não participa de nossas atividades escolares, mas elas têm muitas responsabilidades que transcendem a cozinha e o cuidado das crianças.

Em nosso projeto do ensino fundamental, as poucas mulheres ajudantes de sala de aula eram muito jovens ou não tinham filhos e eram moderadamente educadas, ou tinham mais de 40 anos, com menos educação e filhos mais velhos. Embora geralmente muito tímidas, eram entusiasmadas, criativas, capazes e agradecidas por esta experiência. O nosso novo projeto, educação na primeira infância, oferece um título técnico depois de três anos de capacitação. Como oportunidade única para ir além da escola secundária sem sair da comunidade, tem atraído um número significativo de mulheres. Várias são muito inteligentes, inclusive ambiciosas. Com este grupo mais equilibrado, a experiência de aprendizado é mais dinâmica. — *Laura Russell*



Crianças das propriedades agrícolas próximas a caminho da escola.





funcionários locais do Ministério da Educação que supervisionam as escolas participantes de Tcheca estão agora convencidos da validade da metodologia e têm expressado isso por escrito nos dois últimos anos. Em 2009, o escritório regional do Ministério da Educação em Cusco aderiu formalmente. Quando as autoridades de Lima o corroborarem, a capacitação da YUPAY para professores e ajudantes de sala de aula será parte do orçamento anual desse Ministério.

Esse avanço pode ocorrer em câmara lenta e enquanto isso a YUPAY precisa continuar a atingir crianças de menor idade e incluir mais escolas com uma única sala de aula e múltiplas séries. Ajuda muito o fato de representantes do governo local, ONGs e doadores internacionais terem sido testemunhas de como as crianças dos Andes liberam a rica energia cognoscitiva reprimida ou ignorada por tempo demasiadamente longo.

Wilbur Wright era diretor regional da IAF de programas para a América do Sul e o Caribe. Jefry Andrés Wright é fotógrafo profissional sediado em Maryland.



Deise Gravina e participantes da capacitação da FIB.

Fotos por cortesia da FIB

Deise Gravina: Ajudando as cariocas a romper o teto de concreto

De Amy Kirschenbaum

Quando em 2007 o então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou uma iniciativa fundamental de sua política econômica, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), Deise Gravina ouviu atentamente.

O PAC instava o governo brasileiro, as empresas estatais e o setor privado a coordenarem os seus investimentos em construção, salubridade, energia, transporte e logística. Gravina, engenheira civil aposentada, dirige a Federação de Instituições Beneficentes (FIB), organização matriz fundada em 1957 que hoje administra diversas iniciativas de desenvolvimento comunitário no Rio de Janeiro. Compreendendo que estes projetos de infraestrutura incentivarão uma demanda de mão de obra qualificada — tal como os preparativos, em

escala sem precedentes, para que o Rio seja anfitrião dos jogos da Copa Mundial de Futebol em 2014 e das Olimpíadas em 2016 — Gravina concebeu a ideia para a FIB do projeto “Mão na Massa”.

Mediante este projeto, a FIB prepara as cariocas para o lucrativo setor da construção, tradicionalmente dominado pelos homens. Em apenas três anos, a FIB capacitou mais de 300 mulheres como trabalhadoras da construção e sua excelente taxa de colocação tem chamado a atenção. Mais de 60% das mulheres capacitadas conseguiram emprego imediatamente após se graduarem, quase duplicando a sua renda pessoal. Outras iniciaram pequenos negócios oferecendo serviços de construção e reforma. Quase a metade das participantes do Mão na Massa são do conhecido Complexo de Alemão, uma favela que tinha sido controlada por narcotraficantes e outras quadrilhas até a recente ofensiva do governo em dezembro de 2010. O motivo de a mulher optar pela construção é compreensível: esse setor gera cerca de 9% do emprego do Brasil. (Prevê-se que só a próxima reforma do icônico estádio do Maracanã no Rio de Janeiro empregue cerca de 3.000 trabalhadores.) “Sempre quis trabalhar como um homem” afirma a aluna graduada Andrea Sulmira Ribeiro Alves que durante 15 anos se dedicou a limpar as casas de outras pessoas. “Sinto que agora tenho direitos”, acrescentou, referindo-se aos benefícios que os empregados do setor formal recebem de acordo com a lei brasileira.

Gravina considera a si mesma tanto engenheira social como engenheira civil. Há muito tempo voluntária na comunidade, tem contribuído ativamente em fóruns e grupos de discussão sobre os direitos dos brasileiros mais vulneráveis. Ela atribui o seu compromisso à influência da sua mãe, professora aposentada que gerenciou um escritório que ajudava os pobres a encontrar moradia. No fim da década de 1980, quando Gravina participava da reforma da creche Abrigo Maria Imaculada, a diretora da entidade faleceu repentinamente. Sem ninguém que quisesse substituí-la devido às dificuldades econômicas da creche, Gravina e sua mãe assumiram o cargo. Em poucos anos, elas devolveram a solvência à creche, que cuidava de um número de crianças até então inigualável. O interesse de Gravina nos cidadãos brasileiros de menor idade não termina aí. Atualmente é membro dos conselhos municipal e

estatal responsáveis pelo monitoramento das políticas que afetam os direitos das crianças e adolescentes e os serviços sociais para eles.

A experiência de Gravina na creche a incentivou a fazer também algo pelas mães das crianças. “As mulheres são atualmente a cabeça real da grande maioria das famílias do Brasil”, explicou. “Para enfrentar as enormes deficiências no acesso aos cuidados da saúde, educação e habitação, o governo lançou programas como o Bolsa Família que valoriza o papel da mulher chefe do lar e a encarrega da canalização dos benefícios para a família. Programas de moradias públicas entregam o título e a chave da propriedade à mãe. Mas não podemos esquecer que somos um



Tatiana de Souza Xavier.

país que durante séculos exaltou o homem na família ou no mundo profissional. Creio que só um investimento maciço na educação mudará esta realidade”.

Os longos anos no setor convenceram Gravina de que a construção oferecia às mulheres das favelas do Rio oportunidades e fuga da pobreza. Sabia que elas ajudavam o marido e os pais a construir ou melhorar a moradia — e que precisavam superar inibições e estereótipos que ela nunca acatou. “O gênero não teve papel algum em minha decisão na escolha da minha carreira”, afirmou. “Eu me interessava pela construção. Obviamente estava ciente de ter escolhido um campo dominado por homens, mas eu sabia que o conhecimento, a dedicação e a competência abrem



Clélia Floris

portas”. Carioca nascida na classe média, Gravina começou a trabalhar aos 17 anos, depois de fazer um curso técnico e um estágio. Seu título de engenheira a qualificava para trabalhar em grandes obras públicas, tais como a represa hidrelétrica Tucuri no norte do Brasil, no sistema do metrô do Rio de Janeiro, na torre do Shopping Rio Sul — a estrutura mais alta da cidade naquela época — e no Rio Centro, um dos maiores espaços de exposições da cidade.

Com o correr do tempo, Gravina comprovou que os avanços em tecnologia e equipamentos substituíram a força bruta na construção, destruindo o mito de que o trabalho é “demasiado pesado” para a mulher. A FIB atrai as mulheres a seu curso por meio de cartazes estrategicamente colocados nos bairros e publicidade na mídia popular. A capacitação, explica Gravina, começa referindo-se a preconceitos e estereótipos. “Quando as alunas chegam à fase prática do curso”, comenta, “a diferença não está relacionada com o gênero, mas com o convencimento de que elas podem fazer a tarefa”. E se permanecem rastros do machismo no local de trabalho, é um desafio que as brasileiras parecem estar dispostas a enfrentar. De acordo com relatórios do governo, o emprego feminino

na construção aumentou constantemente na última década. De 2008 a 2009 cresceu 3% graças não só ao PAC, que a Presidente Dilma Rousseff, sucessora de Lula, pretende continuar, mas também a um surto da construção devido ao aumento da renda pessoal e à disponibilidade de crédito imobiliário.

A presença de mulheres na construção foi reforçada em Canoas, no sul, e em Fortaleza, no nordeste, cidades com programas semelhantes ao projeto Mão na Massa. Conforme demonstrado em outros setores anteriormente dominados por homens onde agora as mulheres estão instaladas, tais como as forças armadas e a aviação civil, não é provável uma reversão nessa tendência. No trabalho, destacou o representante de uma empresa que contrata graduadas da FIB, as mulheres tendem a esbanjar menos os materiais, o que reduz despesas, e a serem mais cuidadosas com os detalhes, o que ajuda em áreas especializadas como a segurança no local de trabalho. Um supervisor informou sobre uma melhoria no decoro quando há mulheres no local. “Os homens tornam-se mais amáveis e cuidadosos”, disse. “Os homens começam a usar colônia e prestam atenção em seu vocabulário”, acrescentou outro.

As mulheres que a FIB treina para serem profissionais em alvenaria, carpintaria, eletricidade e hidráulica também recebem instrução em português,

Márcia Vieira dos Santos.



matemática, leitura de plantas, participação cívica, organizações cooperativas, nutrição, responsabilidade ambiental, saúde e segurança trabalhista e administração de negócios. A especialização é oferecida mediante matrícula em 120 horas de instrução em cada profissão. Além das aptidões, as mulheres saem com um sentido de confiança. Cláudia Luzia Dionísio da Silva, de 36 anos e mãe de cinco filhos, fala com orgulho visível de ter-se transformado na primeira mulher pedreira da sua comunidade. Rosângela Rocha veio depois de ter trabalhado no negócio de eletricidade de seu pai, onde costumava ajudar. “Vou tirar clientes do meu pai!” disse a uma estudante eletricista, acrescentando que a tecnologia mudou desde que o seu pai originalmente aprendeu a profissão e, como resultado, ela lhe está ensinando.

A última fase do curso de FIB é um curso prático que proporciona uma experiência inestimável e permite que as estagiárias contribuam para a comunidade reformando ou ampliando estruturas pertencentes a instituições da rede da FIB, tais como a creche Santa Cruz de Copacabana, o Projeto Brincando e Estudando e Praça do Rocha, que oferecem programas educacionais depois das aulas. O Mão na Massa já formou parcerias significativas fora da sua rede da sociedade civil: a Petrobrás e a Eletrobrás, empresas estatais de petróleo e eletricidade respectivamente, proporcionam recursos de contrapartida para tornar possível o projeto. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), a Organização de Cooperativas do Estado do Rio de Janeiro (OCB-SESCOOP) e o Ministério da Justiça do Brasil oferecem instrução relativa a elementos específicos do currículo. O Serviço Social da Indústria da Construção Civil (SECONCI) assessora as graduadas na procura de emprego e mantém um banco de dados em parceria com o projeto para facilitar o processo de contratação. O Abrigo Maria Imaculada, parceiro natural, oferece espaço de aluguel a preço razoável e presta serviços de creche.

A revista *National Geographic* planeja apresentar a FIB em uma próxima edição que foca a mulher no desenvolvimento; o Projeto Mão na



Vanderleia Constantino Dantas, Daiana Garcia Aguiar, Maria Isabel Vieira de Silva e Ana Lúcia Sampaio de Oliveira.

Massa participou recentemente do Fórum Social Mundial de 2011 em Dakar, Senegal, onde os seus representantes compartilharam experiências com um público internacional. Enquanto isso, Gravina continua adiante. “Quero expandir a metodologia a outras regiões do Brasil e compartilhar a nossa experiência com outros países em desenvolvimento para mudarmos o paradigma de gênero na engenharia civil”, afirmou. Norma Sá, coordenadora do Mão na Massa, está empenhada em obter aprovação de um projeto no legislativo estadual do Rio de Janeiro para garantir que as mulheres exerçam um número específico de cargos em todo projeto de construção financiado pelo governo. E ambas, Deise Gravina e Norma Sá, querem que as empresas e os sindicatos da construção contribuam para o financiamento dos programas de capacitação do Mão na Massa. Está também no panorama a luta pela igualdade de salários e oportunidade de avançar na carreira. Estatísticas do governo brasileiro indicam que as mulheres que trabalham na construção em cargos de nível inicial ganham 80% do que se paga aos homens principiantes. “Poucas empresas querem contratar mulheres, mas as que o fazem exigem mais de nós”, comentou Norma Sá. Não obstante, as mulheres graduadas pela FIB podem sentir-se orgulhosas de terem rompido o “teto de concreto” e encontrado um nicho no mercado trabalhista, o que não teriam conseguido há apenas alguns anos.

Amy Kirschenbaum é representante da IAF para o Brasil.



*Francisca Blandón Ortiz,
administradora geral, Tepeyac.*

Essas botas foram feitas para gerenciar

De Mark Caicedo

Fotos de Mark Caicedo

Seguindo os passos de seu pai, Francisca Blandón Ortiz transformou-se em pecuarista e ela não tem nenhum medo de sujar as botas. Sócia fundadora da Cooperativa de Servicios Múltiples Tepeyac, atual donatária da IAF, trabalhou em pastos e corrais. Mas agora, como administradora geral da cooperativa de laticínios, é tão provável ela estar na frente de um computador quanto montando a cavalo.

Mãe infatigável de dois filhos, Blandón Ortiz, de 45 anos, irradia autoridade e charme. Nasceu em San Rafael del Norte, em Jinotega, Nicarágua, onde a pecuária é uma tradição. Aí viveu toda a sua vida, exceto para frequentar escola secundária em Manágua. Em 1995 foi uma das três mulheres entre 38 pecuaristas locais que uniram forças com a Tepeyac para enfrentar o abigeato ou roubo do gado, a falta de crédito que impossibilitava a expansão e os preços deprimidos. Os pecuaristas começaram a organizar-se para prevenir o roubo do gado, unir recursos para um fundo de crédito e fazer parceria com outros dois grupos. Isso aumentou a afiliação e os incentivou a colaborar, a comercializar e a procurar oportunidades de industrializar a produção.

Hoje em dia a Tepeyac conta com 315 pecuaristas, 72 deles mulheres. “Nunca me senti em desvantagem ao trabalhar com homens”, afirmou Blandón Ortiz. “Pelo contrário, eu e as outras mulheres da Tepeyac sempre nos sentimos protegidas em qualquer situação que poderia ser perigosa. Os rodeios nos expõem



Francisca Blandón Ortiz ao lado de (a partir de esquerda), Jesús Rizo Centeno, motorista; Víctor Manuel Herrera Zeledón, técnico de laboratório; e Hernán Antonio Rodríguez Rodríguez, técnico de campo.



Cortesia de Francisca Blandón Ortiz

Blandón Ortiz usa as férias para administrar o rancho que pertence ao seu pai, membro da Tepeyac.

a riscos, por exemplo quando ajudamos cavaleiros feridos que caíram de touros e os transportamos para que recebam atendimento médico. Com frequência vamos muito cedo a esses eventos e regressamos no início da noite e para nossa segurança os homens nos escoltam”. No entanto, as relações nem sempre foram tão sistematicamente cordiais. “Ao crescer a cooperativa, alguns homens ficaram ressentidos com o poder crescente da mulher”, recorda. “Eu fui escolhida pelo Conselho de Administração da Tepeyac para o cargo administrativo devido a meus conhecimentos de contabilidade e meu histórico na organização. O machismo continua arraigado e a alguns homens desagradou a ideia de uma mulher no comando; mas no final 98% dos membros da cooperativa me apoiaram”. Isso ocorreu em 2004 e para assumir o cargo ela deixou o Conselho Municipal de San Rafael

del Norte, ao qual tinha sido eleita quatro anos antes, uma realização que corrobora sua afirmação de que a mulher nicaraguense vem conquistando muito terreno nos últimos 15 anos.

Como nova administradora da Tepeyac, Blandón Ortiz decidiu concentrar-se na infraestrutura. A doação da IAF de 2005 permitiu financiar escritórios, uma nova planta processadora cintilante — completa com um laboratório que assegura o cumprimento das normas aplicáveis a produtos de laticínio para exportação — e um recinto coberto para feiras atualmente em construção. Completar as instalações é uma das principais prioridades de Blandón Ortiz. “A agulha mais difícil de enfiar como administradora geral”, explicou, “é a concorrência feroz entre produtores locais de leite”. Ela aguarda ansiosamente as feiras anuais que, assim espera, deem aos pecuaristas da



Equipe para o processamento de queijo.

Tepeyac alguma vantagem em um mercado repleto de produtores dos quais não se exigem as mesmas condições de qualidade e segurança que os membros da cooperativa devem cumprir.

A Tepeyac produz e pasteuriza anualmente um milhão ou mais de litros de leite, na maior parte destinado à venda para a PARMALAT-Nicarágua, que os distribui no país e internacionalmente. O acordo garante aos membros uma renda estável durante todo o ano e também recebem um dividendo anual da cooperativa. Sempre na busca de novas oportunidades, Blandón Ortiz diz que a Tepeyac está considerando as vantagens do processamento de queijo com um equipamento recém-recebido de um doador espanhol.

“Temos avançado muito, mas continuamos a precisar de apoio para alcançar a nossa meta final”,

indicou Blandón Ortiz. “A minha visão é a seguinte: uma empresa totalmente autossuficiente, respeitada por outras empresas do município e que os produtores locais de leite atinjam os mercados nacionais e internacionais”. De alguma forma ela encontra tempo para trabalhar como vice-coordenadora da Comissão de Desenvolvimento Municipal e participa do conselho departamental e da construção de instalações municipais que prestarão serviços pré-natais essenciais. “As realizações da Tepeyac me incentivam diariamente a continuar a trabalhar pelas famílias de San Rafael”, explicou. Se as botas de Blandón Ortiz não estiverem mais sujas de lama, certamente estão muito gastas.

Mark Caicedo é editor fotográfico da IAF e trabalha com o Programa de Bolsas de Estudo desde 1994.



Louise Lexis Relus.

Madame Louise e o longo caminho desde o isolamento

De Jenny Petrow e Dieusibon Pierre-Mérité

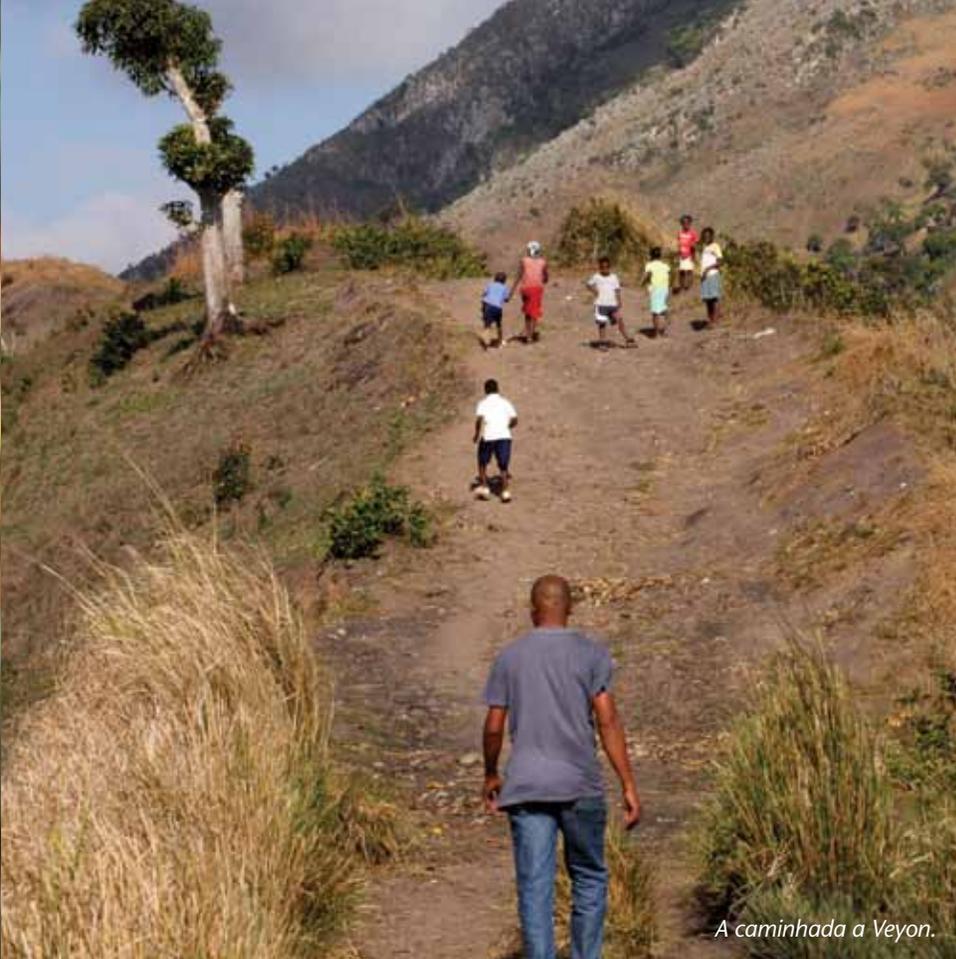
Fotos de Keziah Jean

Em outubro de 2007, como representante novinha em folha da IAF para o Haiti, eu me reuni em Port-au-Prince com donatários potenciais. No final do encontro, Louise Lexis Relus apareceu, brilhando de suor, e me entregou uma proposta em créole haitiano da Oganizasyon Kominotè Fam Veyon [Organização Comunitária de Mulheres de Veyon] (OKFV). Eu não tinha ideia do esforço requerido para chegar (quase) a tempo para uma reunião às nove da manhã na capital — uma caminhada de oito horas desde Veyon, sua aldeia, até Petite Rivière de l'Artibonite, o povoado mais próximo e outras cinco horas adicionais dali de tap tap, um táxi coletivo. Quando eu viajei a Veyon e compreendi o que Madame Louise precisou fazer para me encontrar, eu sabia que a IAF tinha de financiar a OKFV.

Veyon está no fundo da cadeia montanhas Chaines de Cahos. Não tem eletricidade nem água corrente; para usar

telefone celular é preciso subir ao topo de uma alta colina. As tradições dos residentes são principalmente orais e não sabem muito francês. Devido a seu isolamento, Veyon, ao contrário de grande parte do Haiti, é coberto de densas florestas e o seu solo é fértil. Os agricultores cultivam feijão, arroz, sorgo e amendoim, bem como frutas, ervas e café. Mas os dispositivos de armazenamento da comunidade são vulneráveis às pestes e à inclemência do tempo. A falta de armazenamento apropriado obriga os agricultores a vender as abundantes colheitas a preços mínimos e a comprar sementes a custos exorbitantes na estação de plantio.

A OKFV nunca tinha manejado fundos externos; as poupanças dos sócios sempre tinham financiado sua produção de licor e uma pequena operação de crédito. A IAF trabalha com grupos de base como este no Haiti, mas se requer certa criatividade. Para desenvolver o sistema de armazenamento para o qual solicitava o



A caminhada a Veyon.

financiamento da IAF, a OKFV precisaria do apoio de uma rede. Assim, Dieusibon Pièrre-Mérité, que presta serviços de ligação e assessoramento para a IAF no Haiti, e eu pusemos a OKFV em contato com Pascale Toyo, coordenadora da Kombit Fam Kaskad-Dubreuil (KOFKAD), donatário da IAF, e com a Plateform des Organisations de Désarmes (PIOD), organização de agricultores que tinha recebido apoio do Fonds International de Développement Économique et Social (FIDES), donatário da IAF. Pascale Toyo ajudou a OKFV a redigir a versão preliminar de um plano de trabalho e um orçamento e a PIOD recebeu os membros no Désarmes próximo, onde eles aprenderam sobre armazenamento de grãos e aprimoraram a sua proposta.

Em janeiro, Pièrre-Mérité visitou o mais isolado de seus donatários da IAF e reuniu-se com Madame Louise, sua coordenadora. Essa entrevista oferece uma visão da singular determinação da mulher cujo compromisso com as famílias espalhadas entre as montanhas e desfiladeiros de Veyon convenceu a IAF a investir na OKFV. — J.P.

Como nasceu a OKFV?

Em 2006 três mulheres da comunidade receberam capacitação em processamento agrícola em

Deschapelles. Regressamos a Veyon com a intenção de transmitir às outras mulheres o que tínhamos aprendido. Assim nasceu a ideia da OKFV. Teve 20 membros fundadores, 15 mulheres e cinco homens. Quando chegamos a 85 membros em 2010, regulamentamos um pagamento anual de 50 *gourdes* (cerca a US\$1,10) para ajudar a custear as nossas despesas.

Se a OKFV é uma organização de mulheres, por que admite homens?

Todos perguntam isso! O objetivo do grupo não é concentrar-se nos direitos da mulher, mas processar frutas e ervas para fabricar geleias e licores e armazenar sementes e grãos. Os homens podem ser membros da OKFV, porém, de acordo com os estatutos constitutivos, somente as mulheres podem ter acesso a cargos de direção. Em 2008 os seus membros propuseram chamar o grupo de Organização Comunitária de

Perodin para refletir seu caráter misto e incentivar a expansão em toda a *section communale* [comunidade]. Mas o pároco nos instou a manter OKFV, porque a iniciativa de formar o grupo partiu de uma mulher. A comunidade é pequena e a OKFV é a sua primeira e única organização. Sendo a vida dura, a relação entre homens e mulheres deve basear-se na cooperação. Nós também precisamos dos homens!

Como os homens membros aceitam a senhora?

Eu diria como uma força na comunidade, porque eles sabem que eu sempre estou procurando formas de ajudá-los. Nem as autoridades locais nem as organizações de desenvolvimento e humanitárias sabem sequer que vive gente em Veyon. Quando o projeto da IAF estava recém-começando, ocorreu algo que realmente me incentivou. Eu tinha que viajar muito — ao Ministério de Assuntos Sociais, em Port-au-Prince, para apresentar nossos estatutos, por exemplo — e não tive tempo de preparar minha horta para a estação das chuvas. Durante a minha ausência, os membros da OKFV organizaram um kombit [equipe de trabalho voluntário] para limpar e plantar em

minha horta. Isso me demonstrou que eles sabiam que, se eu precisava viajar, era por eles.

Como se entendem homens e mulheres?

Em meus quatro anos com a organização não houve conflito algum.

A senhora se considera líder da comunidade ou da organização?

Sou dirigente de uma organização, mas também da comunidade. Quando encontro financiamento, isso beneficia toda a comunidade, não somente a OKFV. Estou no processo de luta para mudar as condições de vida dos habitantes de Veyon. Eles me respeitam e eu os respeito.

Como descreveria seu estilo de liderança?

Sou uma pessoa responsável que cumpre a sua palavra. Por isso as pessoas me respeitam. Quando alguém diz que é líder comunitário, deve comportar-se como modelo para os membros da comunidade, especialmente de uma tão abandonada como Veyon. É preciso dizer “sim” e “não” com transparência. No caso do depósito de armazenamento que estamos construindo, eu digo aos membros quanto a IAF nos deu e exatamente o que estamos fazendo com cada centavo.

O que motiva a senhora?

Eu nasci em Veyon. Aqui a gente não tem acesso a nada. Em 1993 meu esposo e eu vimos que os nossos filhos não tinham futuro e os colocamos em uma escola de Port-au-Prince. Mas o fato de que muitas crianças ficaram em Veyon e não puderam ir à escola é algo que me pesou muito. Então eu disse às mulheres que tínhamos de lutar para ajudar a comunidade e por isso fundamos a OKFV.

Ser mulher afeta o seu papel como líder?

Não! A situação é tão difícil em Veyon que qualquer pessoa com aptidões de líder é vista como líder. Isso vale tanto para homens como para mulheres.

Que tipo de discriminação a senhora sofre?

Ah, essa é uma boa pergunta. Dentro do coração da comunidade pode-se dizer que não há discriminação. Mas em Petite Rivière as pessoas se referem a nós como “gente da montanha” e “gente que saiu de um buraco”. Os nossos filhos, que vão à escola no povoado,

sofrem discriminação por parte de seus companheiros e professores que os consideram *moun andeyò e moun sòt*, atrasados e simplórios. Às vezes, quando as nossas *madan sara* [vendedoras] vão ao mercado da cidade, cobram mais delas porque as pessoas pensam que não somos muito inteligentes.

Que doadores têm trabalhado com a OKFV?

Em 2008 a Organização para a Agricultura e a Alimentação (FAO) nos deu sete sacos de sementes de feijão e em 2010 outros 10. Nós os utilizamos para estabelecer um pequeno banco de sementes. Iniciamos uma *mutuelle solidarité* [associação de ajuda mútua] com nossas poupanças, para ajudar as pessoas em épocas de necessidade. A IAF é a nossa única fonte externa de financiamento.

A senhora poderia descrever os maiores desafios da OKFV e as recompensas mais significativas como donatária da IAF?

Os maiores desafios têm sido a despesa do transporte de materiais de construção a Veyon, o primeiro saque de dinheiro do banco em St. Marc e o fato de que a participação no projeto requer que os membros sacrifiquem algumas de suas responsabilidades pessoais. Os aspectos mais gratificantes: o planejamento orientado pela Senhora Pascale; o método de desembolso da IAF que nos dá o controle das despesas; a compra de mulas para facilitar o transporte; e a sua disponibilidade para assessorar-nos, Senhor Dieusibon.

Que é a parte difícil na administração de um projeto?

Primeiro, como demonstrar à IAF que podemos administrar o dinheiro; e, segundo, como mostrar à comunidade que a organização é importante para fazer mudanças, apesar da nossa falta de acesso e recursos.

Como a senhora enfrentou estes desafios?

Todas as mulheres de OKFV são *madan sara* com experiência em manejar dinheiro, inclusive empréstimos. A gestão dos fundos da IAF é semelhante. Quando o desembolso é depositado em nossa conta, fazemos uma revisão do orçamento preparado com a Senhora Pascale. Os dois membros titulares da conta pagam em seguida os materiais de construção. Isto nos protege de aumentos de preço e ficamos sem excesso de dinheiro líquido nas mãos. Armazenamos



Um caracol anuncia as reuniões de OKFV no local do centro de armazenamento em construção com fundos da IAF.



e utilizamos os materiais de acordo com nosso cronograma. A compra e o gerenciamento das quatro mulas, graças ao assessoramento da Senhora Pascale, estão funcionando bem. O membro responsável por cada mula recebe US\$10 por mês para esse cuidado. As mulas têm produzido debate; ninguém pode utilizá-las sem autorização da diretoria. O uso pessoal está limitado a emergências relacionadas com doença ou morte.

E a sua família?

Sou casada e mãe de cinco filhos. Um ficou cego, o que afetou o nosso moral e a situação econômica. Em 2008, os dois mais jovens juntaram-se aos outros em Port-au-Prince. Meu esposo permaneceu ali enquanto eu ia e vinha porque eu também sou uma *madan sara*. Como as crianças já estão crescendo, ele pôde regressar a Veyon para trabalhar na horta. O nosso filho mais velho, Marc Eddy, de 26 anos, está estudando administração agrícola e nós estamos realmente contentes.

Como descobriu a IAF?

O irmão do meu esposo, Relus Alainson, mora em Port-au-Prince. A sua organização tinha enviado uma proposta à IAF que não conseguiu financiamento.

Em 2007 ele me disse que a IAF tinha anunciado uma reunião em Port-au-Prince. Disse que era importante e então eu conversei sobre o assunto com a diretoria e redigimos um projeto com o apoio de Julien Schwartz, um *blan* [estrangeiro] da Inter-Aide, uma ONG que trabalha em Chaine de Cahos. Eu fui à reunião e entreguei a nossa proposta à Senhora Jeny [Petrow].

Qual é a parte mais difícil na obtenção de dinheiro para a OKFV?

O mais difícil é não falar francês. A semana passada, quando fui entrevistada para um filme, o cavalheiro me falou em francês e eu lhe disse, “sino muito, mas não falo francês”.

Quais são as maiores virtudes da OKFV?

Primeiro, todas as mulheres são comerciantes e, portanto, estão familiarizadas com orçamento e fluxo de dinheiro. Segundo, o nível de transparência no grupo. E finalmente a solidariedade na comunidade, incluindo os homens que apoiam as atividades das mulheres e respeitam as suas decisões.

Jenny Petrow é Representante da IAF para o Haiti, República Dominicana e o Caribe de língua inglesa. Keziah Jean estuda no Ciné Institute de Jacmel.

Atendimento médico à sombra dos vulcões

De José Toasa e Paula Durbin

Qualquer caminho ao Lago Atitlán é pitoresco, mas nenhuma parte do trajeto prepara o viajante para ver pela vez primeira essa vasta extensão de água espetacularmente encaixada entre montanhas e vulcões. Para os maias, este local se chama *rumxux ruch'lie*, onde o mundo começou, e os vulcões são os guardiães tanto do lago como da terra e seus habitantes.

A Rxiin Tnamet, organização de base cujo nome significa “do povo”, também lida com o bem-estar das pessoas que moram perto do lago. Com sede em Santiago Atitlán, uma cidadezinha com 50.000 habitantes, na maioria indígenas guatemaltecos tz’utujile, a Rxiin presta serviços de saúde que têm gerado elogios de doadores internacionais, do governo local e, mais importante ainda, das pessoas que os recebem; e as nossas visitas assim o confirmaram. Quando saímos da embarcação que nos levou de Panajachel em março, por exemplo, não sabíamos qual das ruas tumultuadas nos levaria à clínica do donatário da IAF. “Não se preocupem se se perderem”, nos avisou a mulher que nos indicou como chegar. “Todo mundo a quem perguntarem sabe onde está a Rxiin”.

A Rxiin está prosperando sob a liderança de Leticia Toj, a enfermeira profissional que é a sua diretora executiva. A dedicação de Toj para melhorar os serviços de saúde para os indígenas a levou além de Santiago Atitlán a ministérios públicos, universidades, escritórios legislativos e a uma parceria regional com seus colegas. O idioma, a procedência e a forma de vida definem a identidade étnica na Guatemala, onde pelo menos 40% dos 13,8 milhões de habitan-

tes são considerados indígenas. A vestimenta pode ser um componente importante desta identidade. Toj orgulha-se de ser kaqchikel, membro de um dos mais numerosos entre os 22 grupos maias da Guatemala e ela sempre usa o traje tradicional que consiste em uma saia de pano feita à mão e um huipil [blusa] e faixa profusamente bordados que comunicam abundantes informações sobre ela a qualquer outro maia. Onde quer que vivam indígenas guatemaltecos, os tecidos coloridos da sua roupa cotidiana alegam a paisagem como tapetes voadores. O traje e outras características da sua cultura se conservam apesar da história trágica de exploração e empobrecimento sistemáticos. O livro *Eu Rigoberta Menchu*, cuja autora foi galardoada com o Prêmio Nobel de 1992, atraiu a atenção mundial para essa situação e para a brutal guerra civil que se prolongou de 1960 a 1996 quando a assinatura dos Acordos de Paz Firme e Duradoura pôs fim às hostilidades. As atrocidades contra os indígenas guatemaltecos durante esse período e o total desprezo dos seus direitos humanos caracterizaram essa guerra como genocídio.

Toj nasceu nos primeiros anos do conflito no interior de Chimaltenango, um departamento situado





Mark Caicedo

Santiago Atitlán.

no coração do altiplano guatemalteco, e cresceu quando aumentava a violência. Mesmo se os tempos tivessem sido melhores, o seu gênero a teria destinado a uma vida de opções limitadas. O próprio pai se negou a olhá-la a bebê depois de ela nascer. “O povo acreditava que os meninos eram mais valiosos do que as meninas e que traziam mais orgulho aos seus pais”, explicou Toj, acrescentando que tais preconceitos ainda persistem. Mas em poucos meses ela o conquistou e ele se transformou em fonte de apoio e incentivo. Naquela época para muitas famílias a educação das meninas era considerada mais uma extravagância do que um investimento. Mas o pai de Toj pensava de outra forma a respeito da sua filha. Contradizendo a esposa, ele permitiu que ela se matriculasse na escola – com a condição de continuar a ter as responsabilidades que se esperava de todas as meninas, inclusive o transporte de água, ser babá e preparar tortilhas.

“Aprende a falar bem espanhol”, recorda Toj seu pai dizer. “Quero ver você se relacionar com diversos

tipos de pessoas’. A guerra o afetou profundamente e não queria que eu fosse discriminada nem como indígena nem como mulher”. Toj concluiu sua educação primária em um sistema etnicamente segregado. Não obstante, emergiu completamente bilíngue e pronta para a escola secundária na Cidade da Guatemala, onde no auge da guerra civil ela era a única estudante indígena. Embora alguns companheiros a menosprezassem, ela encontrou aliados firmes nas autoridades da escola. Insistente em expressar a sua identidade kaqchikel, negociou a autorização para usar o seu traje indígena — exceto na aula de ginástica quando tinha de usar shorts como todos os outros alunos. Ela recorda vividamente que um dia, numa celebração do aniversário da independência, foi avisada por outros estudantes que, se quisesse participar, teria de usar o uniforme escolar. Mas em vez de obrigá-la a tirar o traje indígena, a diretora lhe entregou a bandeira guatemalteca e a colocou na frente da formação. Toj fez amizade com outros estudantes. No entanto, explicou, “o que eles queriam era ser engenheiros, médicos



Francisca Chiquival Mem, parteira e coordenadora de desenvolvimento comunitário de Rxiin; Marta Floridalma Ruiz Ajtujal, enfermeira; Leticia Toj, Diretora Executiva da Rxiin; e Lidia Ester Sojuel Rabinal, contadora-administradora.

e advogados da capital. Meu sonho desde criança foi ajudar as comunidades sem acesso aos serviços — como nutricionista, trabalhadora social ou enfermeira”.

Uma bolsa de estudo do governo tornou possível o curso de enfermagem — em Quetzaltenango, porque a capital se tinha tornado demasiadamente perigosa para os indígenas guatemaltecos. Sendo novamente a única maia da classe, Toj vestia o jaleco sobre seu traje indígena quando ia às aulas práticas em hospitais. Quando recebeu o diploma em 1984 — a única graduada em traje autóctone — ela tinha aceito uma oferta para dirigir o serviço de enfermagem no hospital de Santiago Atitlán administrado pelo Project Concern International (PCI), um grupo de base da Califórnia que cresceu e se transformou em ONG. “Eu queria ir aonde mais me necessitassem”, explicou Toj, “onde pudesse ser útil”. Esse emprego lhe deu a oportunidade de confrontar duas das mais sombrias realidades de seu país: uma das taxas de mortalidade infantil mais altas do continente e a alar-

mante probabilidade de morte de mulheres indígenas no parto.

Mesmo antes da chegada de Toj, voluntários locais tinham procurado organizar-se perante as necessidades urgentes das gestantes, novas mães, recém-nascidos e crianças pequenas. Francisca Chiviliyu, coordenadora de educação da Rxiin e parteira licenciada, recorda a sua árdua luta. Sendo a única menina da sua aldeia em terminar o sexto grau, fora avidamente recrutada pelo PCI. Ela e outras recrutadas que tinham ido de casa em casa procurando organizar mães e parteiras depararam-se diante de uma aberta hostilidade. Considerado uma afronta à autoridade dos maridos, pais e irmãos, o ativismo também fez emergir uma desconfiança profundamente arraigada. “As pessoas nos recebiam com paus, água quente e até mesmo cães”, disse Chiviliyu. “Estavam convencidos de que as vacinas matariam os filhos e esterilizariam todos os outros. Lutamos, continuamos e pouco a pouco as pessoas mudaram”. Ainda assim, muitos hesitavam em participar durante

os anos de guerra, conscientes de que qualquer reunião de indígenas poderia provocar as autoridades. A situação tornou-se perigosa quando Chiviliuy e outros começaram a receber ameaças de morte, mas se negaram a ser dissuadidos.

À medida que as mortes de mães e crianças começaram a reduzir-se radicalmente no fim da década de 1980, graças ao cuidado adequado, a persistência delas começou a ser valorizada. A Rxiin cresceu, chegando até mesmo a contar com cerca de 100 voluntárias capacitadas. Como poucas falam espanhol, o idioma utilizado é o tz'utujile. Embora muitas não saibam ler nem escrever, Toj considera isso irrelevante. A Rxiin as ensina a segurar um lápis e pôr a sua marca e adapta seu treinamento. “Elas não tiveram a oportunidade de estudar” indicou Toj, “mas isso não significa que não saibam nada. Elas sabem

muito e são muito inteligentes. Como não podem tomar notas, prestam muita atenção e exercitam a memória”.

No início da década de 1990, o PCI anunciou a sua intenção de encerrar as operações em Santiago Atitlán devido a falta de fundos. Toj sabia que a Rxiin nunca poderia substituir o hospital, mas pensou que poderia concentrar-se na prevenção de algumas das condições que exigiam tratamento. O PCI concordou em que as mulheres da Rxiin tinham a capacidade técnica e a ONG permaneceu o tempo suficiente para que Toj e outras aprimorassem as suas aptidões administrativas e financeiras.

A clínica da sede da Rxiin oferece aos residentes da costa do lago acesso diário a um médico, dentista e enfermeira em tempo integral e a uma farmácia atendida profissionalmente. Uma clínica menor em

San Juan de la Laguna, com pessoal em tempo parcial, poupa aos residentes um viagem até Santiago Atitlán que pode levar horas por caminhos através de montanhas e ravinas. A coluna vertebral do programa de desenvolvimento comunitário da Rxiin continua a ser as suas redes de voluntárias capacitadas. São responsáveis por uma redução drástica da desnutrição onde quer que a Rxiin tenha presença e pela erradicação do sarampo e caxumba. Embora 80% dos partos ocorram no lar, agora quase ninguém morre. “Trabalhamos com parteiras, mães e maridos”, explicou Chiviliuy. “Nós os capacitamos para detectar sinais de perigo e os preparamos para emergências”.

Toj gostaria que um maior número de entidades adotasse o enfoque multiétnico da Rxiin no atendimento médico, que inclui serviços acessíveis em idiomas locais, aceitação das posições tradicionais de parto maias e receptividade a preocupações tais como a modéstia. “Estar em um hospital poderia ser como estar em outro país”, comentou. Ela e a sua equipe têm trabalhado intensamente para que os programas da Rxiin continuem com

José Toasa



Quando Arturo Méndez, jovem assistente de escritório e bombeiro voluntário, propôs casamento a Leticia Toj há mais de 20 anos, ela insistiu em continuar a exercer a sua profissão, condição que Méndez aceitou. Os seus dois filhos, ambos estudantes de medicina, como a sua mãe desejam ajudar os guatemaltecos. Inspirado por Toj, Méndez completou o ensino médio. Agora é administrador de escritório e continua a ser bombeiro voluntário.



Leticia Toj com parceiras locais.

recursos de doadores internacionais e guatemaltecos. Uma negociação teve como resultado descontos importantes em medicamentos. Mas também houve reverses. A Rxiin perdeu todas as suas poupanças quando um banco faliu. O dinheiro destinava-se a financiar a expansão da Rxiin, que foi também retardada pela crise econômica mundial que tem limitado a disponibilidade de recursos.

Nada, porém, pôs à prova o engenho e a determinação de Toj e da Rxiin como a devastação provocada pelo furacão Stan em 2005. A chuva encheu a cratera do vulcão Tolimán e exerceu tanta pressão sobre o pico que um lado cedeu, causando uma avalanche catastrófica de lodo, árvores e pedras. Aqui, onde o mundo começou, uma menina descrevia o horrorando som como o fim do mundo. Cerca de 120.000

guatemaltecos perderam o domicílio. Muitos foram colocados em abrigos de emergência sem eletricidade, água suficiente e instalações sanitárias precárias. Os problemas de saúde surgiram imediatamente. Embora Toj e a sua equipe nunca tivessem experimentado uma crise de tal magnitude, atuaram rapidamente com as famílias desabrigadas. Entre os doadores que responderam, a IAF permitiu que o donatário recanalizasse fundos e complementou a sua doação original (ver *Desenvolvimento de Base* 2006.) Além de redobrar o atendimento médico, isso permitiu à Rxiin ajudar estudantes que tinham ficado órfãos e deslocados a terminar o ano letivo e a proporcionar capital semente para mulheres aplicarem em microempresas que hoje sustentam as suas famílias. “Algumas ganham agora mais do que o marido”, comentou Toj.



O capital semente de Rxiin ajudou a sua voluntária Maria Rionda Chojpán a recuperar-se da devastação do furacão Stan. Aplicando aptidões aprendidas da seu mãe e da sua avó, começou a fabricar huipiles e em breve teve que contratar ajudantes para atender à demanda. Os seus filhos — Rosário, Felipe e Josefa Esquina Reanda — também ajudam.

A incursão no desenvolvimento econômico e a educação acrescentaram essas prioridades à agenda da Rxiin. “São tantas as necessidades”, expressou Toj. Para a Rxiin continuar a prestar assistência, Toj refletiu sobre a liderança para o futuro. “Eu gostaria de encontrar alguém talvez melhor que eu”, explicou, “idealmente de Santiago Atitlán, de modo que a pessoa pudesse ficar. Estou procurando capacitação acadêmica e experiência. Isso poderá ser difícil de encontrar, mas não impossível”. Somente 5% dos guatemaltecos indígenas terminam o ensino médio, a resistência para a educação das meninas persiste e apenas 0,05% das mulheres indígenas têm título universitário. Mas Toj sente-se encorajada pelo fato de que um maior número de pais tenha começado a pensar de maneira diferente sobre as filhas e as condições são melhores para as jovens maias. “Resta ainda um longo caminho a percorrer, mas as coisas estão mudando”, acrescentou. “Enquanto isso, procuro transmitir a visão”.

José Toasa é representante da IAF para a Guatemala.



Depois de ter ficado órfão em consequência do furacão Stan, Juan Antonio Damián terminou a escola secundária e continuou os seus estudos, graças a um programa da Rxiin financiado pela IAF.

Recursos para microempresas de mulheres

De Miriam E. Brandão

Fotos de Rebeca Janes

Conheci Maria Auxiliadora Vanegas Pérez em 2002 quando eu, como representante da Fundação Interamericana, estava na Nicarágua para avaliar uma proposta apresentada pelo Fundo de Desenvolvimento para a Mulher. Vanegas Pérez, sua diretora executiva, impressionou-me tanto com o seu conhecimento do setor de microfinanciamento, a sua mescla de profissionalismo e cordialidade, aptidões técnicas e experiência que decidi fazer uma grande aposta em uma organização nova sem um histórico comprovado.

Os doadores têm um papel vital no microfinanciamento. Podem apoiar a experimentação e promover as microfinanceiras para a autossuficiência essencial direcionada a conseguir que um número significativo de pessoas de baixa renda melhore a vida. Logo depois de abrir as portas em 1969, a IAF começou a financiar organizações que ofereciam

crédito ou capital de trabalho a essas pessoas, algo até então considerado muito arriscado. Esses programas manejados por mulheres e para elas eram uma anomalia na década de 1970, mas a IAF contou com diversos donatários muito antes que a sabedoria tradicional aceitasse a noção de crédito como fator transformador no acesso da mulher à oportunidade. Quarenta anos mais tarde, baseada exatamente nessa premissa, desenvolveu-se a indústria do microfinanciamento para atender a milhões de clientes em todo o mundo. Persistem, porém, as barreiras aos serviços financeiros e poucas entidades de crédito na América Latina operam com uma perspectiva de gênero. Na Nicarágua, por exemplo, somente três ou quatro das 21 que atendem a mulheres especificamente as consideram como clientes.

Em 1993, com capital semente da IAF, os educadores, cientistas sociais e especialistas em desenvolvimento que cinco anos antes tinham



Conselo Martin é um dos quatro empregados da fábrica de Guadalupe Rivera Orupia, cliente do Fundo de Desenvolvimento para a Mulher.



María Auxiliadora Vanegas Pérez.

fundado o Centro para la Participación Democrática y el Desarrollo (Cenzontle), lançaram o Fundo de Desenvolvimento para a Mulher, instituição de microfinanciamento (IMF) para dispensar atenção quase exclusiva a mulheres de baixa renda. Vanegas Pérez foi contratada para dirigi-lo. Os seus antecedentes incluíam 11 anos como profissional de microfinanciamento e cinco anos com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Como jovem universitária diplomada em economia com especialização em administração bancária, ela trabalhou para a Fundación para el Apoyo a la Microempresa (FAMA), afiliada da ACCION International no Peru, a qual cresceu de dois a 21 escritórios nos oito anos de seu exercício. Em sua estada no ACNUR, ela ajudou na repatriação de 17.000 nicaraguenses deslocados depois de cessarem as hostilidades em seu país e com programas de geração de renda e crédito em 25 municípios no norte da Nicarágua.

O microfinanciamento pode ajudar a pessoa de baixa renda a melhorar a sua renda, sustentar empresas viáveis e reduzir a sua vulnerabilidade a choques que uma família pode levar anos para se recuperar — doença ou morte do ganha-pão da família, fenômenos meteorológicos e roubo. As IMFs



Lucina Lara utilizou o seu empréstimo na sua quitanda.

podem ser salva-vidas para pessoas sem garantia na obtenção de empréstimo de um banco convencional e permitir que os domicílios adquiram ativos e invistam em nutrição, saúde e educação. No entanto, prestar serviços financeiros às pessoas de baixa renda é um empreendimento oneroso. Para custear as despesas proporcionalmente mais altas da concessão de pequenos empréstimos, os quais requerem o mesmo pessoal e os mesmos recursos que os grandes empréstimos, muitas vezes as IMFs cobram juros mais altos. Enfrentando taxas exorbitantes cobradas por prestamistas do setor informal de até 20% ao dia ou acesso zero ao crédito, os prestatários aceitam de bom grado as condições das IMFs. Liquidez e capital aumentam o retorno do seu trabalho de forma muitas vezes superior aos juros cobrados ou lhes permitem aproveitar oportunidades.

Segundo Vanegas Pérez, a concessão da doação da IAF proporcionou a injeção de recursos monetários necessária para conseguir o equilíbrio operacional e financeiro em uma etapa crucial. “O êxito do Fundo de Desenvolvimento para a Mulher não teria sido possível sem a Fundação Interamericana”, disse, “a qual proporcionou o apoio necessário para a expansão e consolidação do Fundo. Contribuiu também para a criação e preservação de empregos em micro-

empresas operadas por mulheres, bem como para o fortalecimento da administração à medida que a organização procura conseguir novos recursos para continuar a crescer. Foi vital”. Quem desejar colocar cifras nesta declaração, deveria considerar as seguintes: em 2001, um quadro de 18 funcionários que trabalhavam no escritório central do Fundo em Manágua e em dois escritórios sucursais em Estelí e Manágua administraram uma carteira de crédito de US\$500.000 e concederam empréstimos a cerca de 1.000 clientes, sendo 94% deles mulheres. A doação da IAF mais que duplicou o capital do Fundo, elevando-o a US\$680.000. Em sete anos, com Vanegas Pérez, o Fundo contava com 65 funcionários em sete escritórios, uma carteira de crédito de US\$5,5 milhões e uma clientela de 8.500 pessoas, sendo ainda 94% mulheres. Isto significa um crescimento assombroso no valor da carteira e na quantidade de prestatários — enquanto a entidade continuava a atingir os segmentos de renda mais baixa da população, como se evidencia pelo montante médio dos empréstimos inferior a US\$500.

O Fundo de Desenvolvimento para a Mulher formulou o seu programa financiado pela IAF tendo em vista a autossuficiência por meio do crescimento, eficiência e produtividade. Entre os elementos de



A prestatária Yadira Gonzales e os seus quatro empregados fabricam até 1.500 tijolos por dia para construtores locais.

seu êxito figuram os critérios transparentes para a aprovação e recuperação de empréstimos, seu requisito de garantias suficientes e juros à taxa do mercado. O Fundo adequa uma diversidade de produtos dirigidos especificamente a mulheres que operam micro e pequenas empresas: capital de giro e empréstimos para equipamentos e moradia, bem como atividades comerciais, agrícolas, pessoais (para educação, saúde, capacitação e necessidades do lar) e para financiar infraestrutura, equipamento e insumos para hortas. O apoio não termina com o empréstimo. O Fundo trabalha com o Cenzontle para oferecer à mulher capacitação em direitos civis, prevenção da violência doméstica e desenvolvimento pessoal e empresarial. Continua a ser uma organização sólida apesar do impacto da crise financeira mundial sobre o setor do microfinanciamento e dos desafios impostos ao setor nicaraguense pelo Movimento de Não Pagamento lançado em 2008 por um grupo de prestatários que reclamavam uma moratória no pagamento e uma redução das taxas de juros que tinham acordado. Por este motivo o Fundo está estruturado para a eficiência; interage produtivamente com outras entidades nicaraguenses de microfinanciamento; e continua focado em atender às necessidades das mulheres de baixa

renda e em tratá-las como clientes de valor. Nove anos depois de receber seu primeiro desembolso da IAF, o Fundo de Desenvolvimento para a Mulher continua a dar ênfase ao crédito, organização, educação e assistência técnica como bases da segurança econômica da mulher.

Vanegas Pérez considera que a sua realização profissional mais significativa é o desenvolvimento de equipes de trabalho harmoniosas, produtivas e comprometidas. Ela sempre trabalhou com base na premissa de que os funcionários que estão motivados e se sentem valorizados trazem vantagem para a empresa. Para o Fundo de Desenvolvimento para a Mulher ela contratou um quadro de pessoal talentoso e capaz e confiou a ele a responsabilidade das operações. Ela saiu do Fundo em outubro de 2010 para recarregar baterias e buscar novos desafios. Como esposa e mãe de dois filhos, ainda continua a encontrar tempo para fazer trabalho voluntário com o Rotary Club ou outras causas merecedoras. Não importa o que Vanegas Pérez decida realizar no futuro, certamente ela se dedicará por inteiro e exercerá impacto. Enquanto isso, o Fundo de Desenvolvimento para a Mulher continua em boas mãos.

Miriam E. Brandão é atualmente Representante da IAF para o Peru.



O Fundo concedeu um empréstimo a Irma Ramos para desenvolver o seu estande de frutas.

Uma nova frente para ex-guerrilheiras

De Seth Micah Jesse e Rolando Gutiérrez



Linda Hess Miller

Cortesia ADEPROCA

Mulheres combatentes descansando na década de 1980 e em ação em 2011, dirigindo o desenvolvimento comunitário em El Salvador.



Jill Wheeler

A ADEMUR, fundada por Mabel Reyes, é uma organização de mulheres rurais que comercializa a pecuária, concede empréstimos em espécie e presta serviços sociais. Evelyn Huezo, acima, distribui materiais enviados por Manos de Esperanza, uma associação de expatriados salvadorenhos na Califórnia que trabalha com a ADEPROCA, a ONG fundada por ela.

Pobreza generalizada, repressão brutal, terror e perda total da confiança no sistema político levaram muitos salvadorenhas a se juntarem à Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) que manteve uma guerrilha contra o governo militar do país de 1980 a 1992. O conflito ocasionou 75.000 mortes, provocou êxodos em massa, destruiu grande parte da infraestrutura do país e causou um retrocesso de anos na economia. Envolveu milhares de combatentes de ambos os lados. Embora nenhuma mulher tivesse combatido pelo Governo salvadorenho, ao cessarem finalmente as hostilidades cerca de 30% dos combatentes desmobilizados pela FMLN eram mulheres. De acordo com o artigo de Jocelyn Viterna “Pulled, Pushed and Persuaded: Explaining Women’s Mobilization into the Salvadoran Guerrilla Army” [Atraídas, empurradas e persuadidas: explicando a mobilização de mulheres no exército guerrilheiro salvadorenho] publicado no *American Journal of Sociology* de julho de 2006, embora múltiplos caminhos tivessem levado essas guerrilheiras à FMLN, a biografia e a educação definiriam se o seu ativismo seria transferido para a vida civil. Esse ponto é ilustrado por duas mulheres, Evelyn Huezo e Mabel Reyes, que se juntaram ao movimento de resistência em circunstâncias muito diferentes e 40 anos mais tarde ambas estão levando avante seus ideais — no desenvolvimento de base.

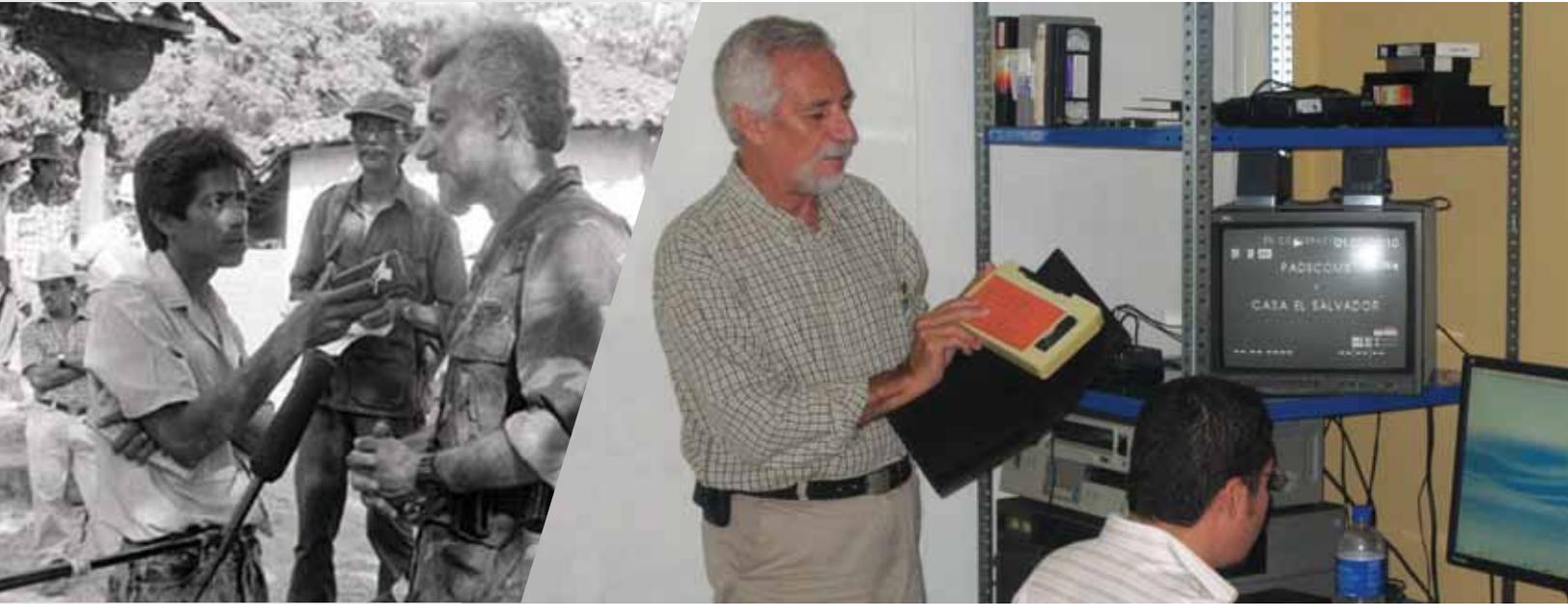
Nenhuma das duas poderia ter imaginado uma trajetória que as levasse de uma sociedade conservadora e patriarcal ao campo de combate e daí a um papel de liderança em organizações comunitárias bem-sucedidas. Em meados da década de 1970 Evelyn Huezo, um dos oito filhos de um trabalhador do couro e sua esposa, estava concentrando nos seus estudos em trabalho social na Universidade Nacional de San Salvador. Mabel Reyes, que crescera em La Unión, San Miguel e Usulután, trabalhava em um negócio e colhia café para pagar o seu uniforme escolar e o tratamento

médico do seu pai. Poucos anos depois, elas e legiões de outras salvadorenhas abandonariam os estudos, carreiras, domicílios e entes queridos para se unirem à oposição armada.

“Os meus amigos próximos e os de meus irmãos foram mortos, mas a última gota foi o assassinato de Monsenhor [Oscar] Romero em março de 1980”, disse Huezo, que nunca duvidou do papel do regime no assassinato. “Se eles eram capazes disso, o que não fariam conosco? Eu tinha uma casa, um companheiro, estudos; a minha vida tinha uma direção, mas o país não”. Naquele mesmo ano o exército salvadorenho lançou a campanha “terra arrasada” — massacres por atacado, bombardeios aéreos e queima de tudo o que estava no caminho. Juntamente com 500 outras famílias, Mabel Reyes e seus pais fugiram para Honduras, onde a adolescente foi denunciada aos militares locais como guerrilheira e ficou sob vigilância. Consciente de que estava em perigo, Reyes decidiu que preferiria “morrer em El Salvador do que desaparecer em Honduras”. De volta à sua terra, o seu instinto de sobrevivência a levou a juntar-se a um grupo de combatentes da resistência quando os caminhos se cruzaram. Como esperava, ela encontrou segurança. “Tinha uma arma”, explicou, “tinha Deus e tinha o apoio dos meus companheiros combatentes”.

Oportunidade igual

Com mulheres em toda a guerrilha — em comunicações, logística e como enfermeiras na linha de frente — o conceito de equidade de gênero, que não tinha entrado ainda no léxico salvadorenho, era caso omissis. Segundo Huezo, homens e mulheres combatentes eram tratados de forma igual durante a guerra e avançavam de acordo com a sua habilidade. “Atitude, flexibilidade e energia permitiram às mulheres realizar qualquer tipo de trabalho e fazê-lo bem, inclusive o combate em cidades e no campo,



Conexões de ONGs: Conhecido como Santiago, Carlos Consalvi, foto no canto esquerdo, lançou a Rádio Venceremos a que Huezo e Reyes foram designadas durante a guerra. Consalvi foi fundador e diretor do Museo de la Palabra y la Imagen (MUPI), donatário da IAF. Aqui ele está digitalizando formatos antigos para arquivar; a tela contém uma referência a PADECOMSM, organização a que Huezo assistiu na década de 1980.

trabalho de organização em cárceres ou fora do país, infiltração entre os militares e recrutamento de oficiais do exército para se unirem à luta revolucionária”. Ela começou o seu serviço para a resistência apoiando comandos em San Salvador e, em seguida, monitorando os movimentos do inimigo. Depois da campanha militar inicial coordenada da FMLN em janeiro de 1981, ela esteve entre os guerrilheiros urbanos transferidos ao baluarte rebelde no departamento de Morazán nas montanhas do nordeste salvadorenho. A sua primeira missão na linha de frente, em 1981, com a equipe de comunicações estratégicas do alto comando da FMLN, ofereceu-lhe a oportunidade de demonstrar as suas aptidões organizacionais e analíticas. A responsabilidade desenvolveu a sua confiança.

Tanto Huezo como Reyes colaboraram com a clandestina Rádio Venceremos, lançada em 1982 por Carlos Consalvi, então jornalista venezuelano que usava a alcunha de Santiago (ver *Desenvolvimento de Base* 2009.) Reyes, com a alcunha de Estênia, monitorava as transmissões de estações convencionais e preparava programas para Santiago. Em conformidade com um relato em *As mil e uma histórias da Rádio Venceremos*, de José Ignacio López Vigil (UCA

Editores, 1991), ele e Estênia foram feridos no mesmo incidente em 1985. Consalvi concordou com Huezo e Reyes sobre o tratamento igualitário no movimento de resistência. Isso se difundiu nas áreas rurais, afirmou ele, reequilibrando as relações tradicionais. “O meu marido costumava me espancar, mas a guerra o mudou”, ele se lembra de ter ouvido. Ele mantém uma impressão vívida da prática dos guerrilheiros de transmitir instruções por meio de mulheres na cadeia de comando. As mulheres exerceram cargos de liderança em todos os níveis da resistência.

Um futuro anunciado

Se o dever do combate na linha de frente expunha Reyes e Huezo a um tratamento igualitário e lhes dava confiança nas suas habilidades, os seus papéis nos esforços de bem-estar social da resistência definiriam os seus trabalhos durante toda a vida. Reyes frequentou e em seguida dirigiu uma das “escolas” político-ideológicas da FMLN e sofreu profundo impacto da ênfase na justificação moral da luta e na noção de sacrifício. “Aprendi solidariedade e me tornei política e socialmente consciente”, recordou. “Quando considerávamos como as pessoas viviam, dizíamos a nós mesmos: ‘O que estamos



A MUPI tem recebido diversos prêmios pela preservação da memória e é um destino favorito para excursões escolares que têm sido facilitadas mediante uma doação da IAF. As fotos de arquivo deste artigo pertencem à coleção da MUPI.

fazendo é justo'. Nós não estávamos interessados em nada mais, apenas nas mudanças que queríamos ver". Em um país densamente povoado como El Salvador, os combatentes tinham contato diário com civis, especialmente em áreas de onde o governo se tinha retirado. A batalha pelo seu coração e mente era parte integrante da estratégia da FMLN para derrotar a contrainsurgência e incluía atender às necessidades urgentes. A FMLN tomou medidas de proteção que permitiram aos agricultores produzir alimentos básicos para os guerrilheiros e a população civil. Proporcionou segurança aos refugiados quando fugiam ou quando regressavam. Grupos organizados de simpatizantes, alguns dos quais se transformaram em pilares da sociedade civil salvadorenha, uniram-se ao esforço, distribuindo elementos essenciais tais como baterias, roupas, medicamentos, livros e jornais.

Os serviços que a FMLN oferecia aos próprios soldados incluíam atendimento médico e educação primária. Huevo considera a sua missão na versão guerrilheira da Escola Militar como a tarefa mais gratificante. "Tive o privilégio de ensinar a ler colegas combatentes, muitos deles líderes militares brilhantes mas analfabetos", explicou. "Alguns são agora advogados e policiais que nunca esquecerão

quem lhes ensinou a ler e escrever". Reyes ensinou essas habilidades básicas também a outros combatentes. Quando ferida, foi enviada a Colomoncagua, Honduras, para se recuperar e ali trabalhou com uma comunidade de refugiados. Depois de destacar-se como líder, uniu-se à equipe que escoltou os salvadorenhos a um local seguro em Colomoncagua. Em 1989 organizou a repatriação de 700 pessoas, acompanhando-as a pé de Colomoncagua à comunidade de Segundo Montes em Morazán.

Depois da Escola Militar, Huevo foi designada aos baluartes rebeldes no nordeste salvadorenho. Aí ajudou a população a se organizar e expressar as suas necessidades. O seu trabalho teve impacto duradouro, especialmente no norte de Morazán, onde em 1984 os residentes fundaram o Patronato para el Desarrollo de las Comunidades de Morazán y San Miguel (PADECOMSM), em parte para ajudar a preencher a lacuna nos serviços públicos provocada pela guerra civil. O PADECOMSM tem um histórico exemplar de assistência às comunidades durante a guerra e a transição que a seguiu. Em 1998, o PADECOMSM recebeu uma doação da IAF para organizar associações de base, estabelecer microempresas e apoiar práticas agrícolas responsáveis. (Para consultar o estudo da IAF



Mabel Reyes supervisiona a produção de alimentos para animais tirada da pasta do milho.



Evelyn Huevo com trabalhadoras da Nahuizalqueña, uma fábrica de geleias em Nahuizalco, Sonsonate, construída com o apoio da ADEPROCA e do governo italiano.

sobre os resultados da doação ao PADECOMSM, favor enviar e-mail a mcuevas@iaf.gov.)

Da guerra ao lar

Como recruta da FMLN em 1981, Huevo pensava que o conflito duraria alguns meses. Quando se prolongou por 11 anos, os sacrifícios pessoais esperados de uma guerrilheira tornaram-se difíceis. Huevo tinha ido à linha de frente com o marido, mas o matrimônio não suportou as dificuldades. As mulheres na resistência sentiam que deviam adiar a maternidade pelas duras condições e também porque as deixaria fora de combate. Mas, recordou Huevo, elas sempre pensavam nisso “como se fosse um sonho que estivesse escapando”. Reyes casou-se com outro combatente e admite que as circunstâncias do tempo de guerra eram um desafio. “Realmente não podíamos estar juntos, embora o nosso compromisso com a luta nos sustentasse”.

Quando a guerra finalmente terminou em 1992 com a assinatura dos Acordos de Paz de Chapultepec, o lar e a família eram novamente possíveis, mas a um preço imprevisível, pelo menos para algumas guerrilheiras. Os fundamentos da sociedade patriarcal de El Salvador não se tinham rompido nem modificado.

As oportunidades da mulher na linha de combate não existiam na vida civil. Embora os Acordos de Paz tivessem colocado os militares sob controle civil, contivessem disposições para a desmobilização das unidades da FMLN e para transferências de terras e permitissem à FMLN formar um partido político e participar de eleições, não atendiam às expectativas de Reyes. “O exército está de novo nos quartéis”, admitiu. “Os Acordos de Paz determinaram o que se faria a respeito dos feridos de guerra e houve um seguimento. Mas quanto às mulheres, a nossa situação não foi mencionada. Não há nada para seguir”. E, indicou, a pobreza desesperante persiste em todo El Salvador.

Após uma década nas linhas de combate, Huevo regressou a San Salvador mas, perguntou a si mesma, quais eram as suas opções para avançar os ideais que a tinham atraído à resistência? Decidiu concluir os estudos universitários e isso a colocou de novo em contato com colegas que tinham compartilhado o seu interesse. Ainda estudante, fez parte da diretoria da Fundación Promotora de Productores y Empresarios Salvadoreños (PROESA), dirigindo projetos destinados a melhorar a moradia e a subsistência

“Os Acordos de Paz determinaram o que se faria a respeito dos feridos de guerra e houve um seguimento. Mas quanto às mulheres, a nossa situação não foi mencionada. Não há nada para seguir”.

de ex-combatentes da FMLN. A sua experiência como especialista em comercialização com outra ONG a levou a estabelecer em 2001 a Asociación para el Desarrollo Empresarial de Productores y Comercializadores Centroamericanos (ADEPROCA). Entre os seus parceiros que apoiam uma ampla gama de prioridades comunitárias figuram o Ministério da Educação de El Salvador, a diáspora nos Estados Unidos, doadores internacionais e outras ONGs. Em 2002, a ADEPROCA e a sua parceira PROESA colaboraram em um projeto de comercialização financiado pela IAF em benefício de mulheres do centro de El Salvador. Atualmente, algumas das mulheres fazem doces com a própria marca de fábrica.

Reyes fundou a Asociación de Mujeres Rurales de El Salvador (ADEMUR), atual donatária da IAF que oferece capacitação a mulheres na criação e comercialização de ovelhas e lhas “empresta” cordeiros da

raça pelibuei cujas crias podem utilizar para pagar a sua dívida. Como organização não governamental legalmente constituída, a ADEMUR adquiriu espaço e agora tem escritório próprio. O trabalho permite a Reyes aplicar as aptidões desenvolvidas durante a guerra e lhe oferece uma oportunidade de crescimento profissional; tal como o serviço na resistência, segundo Reyes, exige sacrifício e perseverança pessoal. “Mas quando a gente se envolve em coisas assim, as nossas baterias se recarregam e a gente continua a avançar”. Recentemente a Assembleia Legislativa salvadorenha aprovou um projeto amplo sobre a violência contra a mulher que os representantes da ADEMUR ajudaram a redigir. “Talvez não seja tudo o que tínhamos esperado, mas sentimos que a porta foi entreaberta”, comentou Reyes e acrescentou: “É preciso participar e expressar as próprias opiniões para construir uma verdadeira democracia”. A sua participação assumiu um novo rumo em 2009 quando começou a trabalhar como assistente da congressista Sonia Margarita Rodríguez, do partido FMLN.

A década de Huevo na guerrilha ajudou a avançar as metas da ADEPROCA que oferece às

pessoas de baixa renda capacitação e oportunidades econômicas. “A guerra nos permitiu desenvolver muitas aptidões que continuam a ser úteis para nós, tais como a análise política e o pensamento crítico”, afirmou. Estas habilidades têm ajudado a ela e a outros a encontrar sentido para a trajetória da sua vida e reconciliação da participação no conflito com o trabalho em desenvolvimento comunitário. O interesse de Huevo em temas sociais foi “transferido a outro campo de batalha”, afirmou. “Penso que se hoje se oferecer às mulheres a oportunidade de participar, capacitação e confiança, elas responderão e contribuirão nas suas trincheiras, tal como o fizeram na guerrilha”.

Seth Micah Jesse é representante da IAF para El Salvador. Rolando Gutiérrez presta serviços de ligação e assessoramento para a IAF em El Salvador

Primeiro concurso com júri: um fórum para bolsistas da IAF

Desenvolvimento de Base tem muita satisfação em apresentar uma nova seção da revista, dedicada a artigos de bolsistas da IAF julgados por uma subcomissão de acadêmicos que selecionam os bolsistas da IAF.

A IAF é o único doador que financia especificamente a pesquisa acadêmica direcionada ao desenvolvimento de base na América Latina e no Caribe. Desde 1974, as nossas bolsas de estudo têm apoiado estudantes de doutorado, pesquisadores pós-doutorado, candidatos a mestrados e um número limitado de líderes de base excepcionais que realizam estudos independentes. De 2000 e 2006, a IAF suspendeu todas as bolsas de estudo por razões orçamentárias. Em 2007, foi re-instalado um componente: assistência para a pesquisa de tese de doutorado feita por estudantes em universidades dos Estados Unidos que se candidataram ao Ph.D.

No outono setentrional de 2010 todos os bolsistas dos quatro ciclos desde o restabelecimento das bolsas de estudo foram convidados a apresentar os seus manuscritos para seleção. A revisão colegiada selecionou dois manuscritos para serem publicados nesta edição. Estamos entusiasmados com este novo recurso, obviamente porque compartilha alguns dos benefícios do programa de bolsas de estudo com uma audiência mais ampla e porque representa outra credencial para os autores cujo trabalho aparece aqui. Mas o concurso também tem valor mesmo para os manuscritos não selecionados, devido à avaliação cuidadosa que os revisores comunicaram, por meio da IAF, a cada concursado.

As nossas primeiras duas autoras, Amanda Fulmer e Laura Brewington, trazem vozes novas e uma dimensão humana à pesquisa acadêmica. Convidamos o leitor a ler seus artigos. *Desenvolvimento de Base* agradece a todos que contribuíram para o êxito deste primeiro concurso. Anunciaremos muito em breve uma segunda rodada. Para obter informações mais detalhadas sobre as bolsas de estudo da IAF, favor consultar o website www.iie.org/iaf.—P.D.



Eleitores em Cocachaca.

A mineração e a democracia: o Direito Internacional torna-se local

Por Amanda M. Fulmer

No verão antes de viajar ao Peru e à Guatemala por mais de um ano de pesquisas para a minha dissertação como bolsista da IAF, fui professora de um curso na University of Washington, onde sou estudante de doutorado em Ciências Políticas. Eu disse aos meus alunos que uma unidade-chave trataria da democracia e lhes pedi que focassem duas perguntas: O que é a democracia? Como a conseguimos? Designei trabalhos de autores renomados que escrevem sobre o tema (tais como Robert Dahl, Samuel Huntington e Francis Fukuyama). No final do curso entreguei as minhas notas, satisfeita por ter apresentado uma visão geral justa do tema. Duas semanas mais tarde embarquei em um avião para o Peru, onde enfrentaria diariamente as minhas próprias perguntas: O que é a democracia? Como a conseguimos?

Nos 16 meses seguintes estudei como as comunidades indígenas resistem à incursão da mineração nos seus territórios, algo que me tinha fascinado desde a época em que trabalhei no Peru com uma organização sem fins lucrativos cuja missão era proteger os direitos das comunidades que enfrentavam projetos extrativos na sua área. Em particular, estava interessada no direito dessas comunidades à “consulta”, de acordo com a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Esta Convenção, ratificada pelo Peru, Guatemala e outros 20 países, principalmente da América Latina, estipula que as comunidades sejam consultadas sobre a legislação e projetos que possam afetá-las, mas não oferece nenhuma orientação sobre o que, na prática, constitui uma consulta.

Na primeira década, depois de a Convenção entrar em vigor (em 1991), a disposição a respeito da consulta foi em grande parte ignorada. Durante a redação da Convenção os ativistas tinham feito pressão em favor de uma formulação



Cortesia de Amanda Fulmer

Amanda Fulmer.

mais forte (por exemplo, o direito das comunidades de conceder ou negar “consentimento” para um determinado projeto) e a consulta foi uma alternativa decepcionante, considerada tão débil e indefinida a ponto de ser irrelevante. Não obstante, no início da década de 2000, a “consulta” começou a adquirir uma vida política inteiramente própria para os povos indígenas da América Latina. Repentinamente, as comunidades começaram a exigir o seu direito e inclusive de fazer a própria consulta quando o governo se negava a coordenar uma. Eu estava convencida de que este acontecimento surpreendente poderia dizer-nos algo importante sobre o movimento indígena e a democracia na América Latina.

No primeiro mês do meu período de pesquisas atuei como observadora internacional oficial em uma consulta dirigida por uma comunidade no sul do Peru. Como uma das poucas consultas que têm ocorrido no país, a empresa foi esquadrihada por uma ampla audiência. A Southern, importante empresa de mineração, tinha anunciado planos para o seu projeto Tia Maria, na província de Islay, na região de Arequipa, e muitos residentes tinham sérias reservas sobre o assunto. A economia de Islay baseia-se principalmente na agricultura de pequena escala. Se a Southern implementasse o projeto Tia Maria, a operação de mineração requeria um tal volume de água que afetaria a agricultura? A empresa reagiu afirmando que a sua tecnologia era a mais nova e a mais avançada e que os riscos de abastecimento de água eram exagerados. A mineração e a agricultura poderiam coexistir, declararam os representantes da Southern. De fato, argumentaram, o projeto Tia Maria poderia ser uma bênção, dadas tão poucas outras oportunidades para o desenvolvimento econômico.

Fosse um presente ou uma maldição, a mina certamente alteraria a vida na província de Islay. Em vista da polêmica, como se deve tomar uma decisão de permitir ou rejeitar a mina? Quem deveria considerar os argumentos a favor e contra, a retórica e os fatos e fazer uma determinação? O Peru é conhecido como um país mineiro e historicamente o Governo peruano tem promovido a mineração e aprovado os pedidos de novos empreendimentos, apesar de intensas críticas baseadas em argumentos ambientais e sociais. Com frequência as comunidades têm protestado, com palavras ou com barricadas, mas tem

sido muito limitado o seu êxito em impedir o prosseguimento de um projeto.

No entanto, no início do século XXI as expectativas a respeito da interação entre o governo e os cidadãos passaram por uma mudança fundamental. Depois de um período de governo autocrático, a democracia eleitoral foi restaurada em 2000. Dois anos mais tarde, na província de Piura, ao norte, os cidadãos de Tambogrande decidiram que o seu governo não estava dispensando suficiente atenção à oposição a uma proposta para a instalação de uma mina lá e fizeram a própria consulta, organizando um referendo comunitário não vinculante sobre a mina. Os participantes votaram de forma esmagadora contra permitir que o projeto continuasse e, temendo a pressão pública, a empresa retirou-se voluntariamente.

Como o caso de Tambogrande se tinha tornado extensamente conhecido tanto no Peru como no exterior, quando se programou uma consulta em Cocachacra aproveitei a oportunidade para participar. Ao chegarmos lá, outro observador e eu fomos levados a uma sala onde as autoridades locais estavam trabalhando arduamente, em um sábado à noite, preparando-se para a votação no dia seguinte. Não iam parar até que tudo estivesse pronto — urnas, credenciais e planos de coordenação. A democracia requer muita organização.

Na manhã seguinte, comemos pão e abacate e tomamos café em um quiosque do mercado e depois começamos a trabalhar. Milhares de residentes começaram a chegar aos seis postos de votação, provenientes de toda a região, muitos vindo diretamente do trabalho no campo. Eram conduzidos a uma mesa onde o pessoal voluntário lhes entregava uma cédula na qual deveriam marcar sim ou não a respeito da mina. Os eleitores que podiam assinar, o faziam; outros faziam a sua marca com um dedo embebido em tinta. Todos saíram das urnas com os dedos indicador e médio roxos de tinta para demonstrar que tinham votado. Eu perguntei a mais de uma dezena de eleitores com dedos manchados por que apoiaram ou se opuseram à mina e sobre as suas percepções a respeito do processo. Todos convieram em que era um dia importante para Cocachacra, porque as vozes da comunidade seriam ouvidas. Várias pessoas declinaram falar comigo; eu mesma não me inclinaria a falar com um estranho sobre um tema tão candente.

De manhã cedo, ônibus cheios de oficiais de polícia tinham chegado da capital regional, aparentemente para manter a paz durante a votação, embora não tivesse havido nenhum indício de que rompesse a violência. Como seria passar na frente de oficiais armados para depositar o meu voto? A democracia exige valor.

As urnas fecharam, tal como estava previsto, às quatro da tarde (realmente depois das quatro e quinze, dado que estávamos na América Latina) e os organizadores começaram o cômputo dos votos. Sérios quanto a registrar exatamente cada voto, os voluntários analisaram minuciosamente as cédulas quando a intenção não era clara. Votar é obrigatório tanto no Peru como em outras partes da América Latina e a insatisfação com as opções é demonstrada muitas vezes deixando a cédula em branco. Os voluntários tabularam não somente sim ou não, mas também as cédulas em

a Convenção 169 da OIT garante o direito de participar das decisões que o afetam de forma substancial, independentemente dos detalhes técnicos (ou da falta deles) em um tratado internacional.

Além de acompanhar duas controvérsias sobre mineração no Peru, estudei outra na Guatemala, onde as consultas realizadas pela comunidade têm aumentado, chegando mesmo a haver dezenas delas até esta data. Trabalhei como observadora internacional em duas consultas nos altiplanos situados a oeste. Como parte das minhas tarefas, preparei um extenso relatório sobre o que vi nas urnas designadas — a adequação das instalações e a preparação dos organizadores. Na maior parte as perguntas pareciam rotineiras, mas algumas me surpreenderam: “Havia música na consulta?” “Havia atmosfera de festa cívica?”. Isso me trouxe lembranças de brincar com muitas crianças que se amontoavam ali enquanto os

A democracia impõe requisitos ao governo, mas também depende da iniciativa das pessoas comuns.

branco e as estragadas. A noite caiu, enquanto o cômputo seguia e os observadores começaram a tiritar: os altiplanos peruanos podem ser frios uma vez desaparecido o sol. Sem perder o ânimo, dezenas de residentes locais esperaram nas urnas os resultados da votação, conversando animadamente uns com os outros. À luz de telefones celulares, a contagem continuou. Passaram-se horas antes de que se pudesse fazer um aviso oficial, mas ninguém parecia ter pressa em ir embora. A democracia exige dedicação.

O resultado de consultas sobre minas e outros projetos extrativos está raramente em dúvida antes de serem contados os votos. Eu esperava que o resultado da votação fosse esmagadoramente contra o projeto Tia Maria e assim aconteceu. Porém as autoridades não têm nenhuma obrigação legal de atuar com base na preferência expressa. A convenção não prevê consultas realizadas pela comunidade. Como forma de expressão política, elas surgiram da criatividade e iniciativa dos organizadores de base. Certamente a democracia depende do regime de direito, mas o fenômeno das consultas feitas pela comunidade demonstra que a lei é suscetível de interpretação, discussão e aplicação no nível de base. Aos olhos do povo de Cocachaca,

organizadores contavam as centenas de cédulas. Não fazendo caso das severas advertências do prefeito para ficar quieta e sair, eu fui atrás das crianças ao redor da mesa cheia de cédulas, enquanto gritavam e riam. Às vezes, a democracia é pura alegria e exuberância.

Após centenas de entrevistas estruturadas, longas horas nos arquivos e incontáveis conversações informais, terminei a minha pesquisa e regressi à University of Washington. Quando ensinar novamente democracia, talvez faça as coisas de forma diferente. Ainda quero que os meus estudantes leiam os trabalhos de importantes eruditos nesse tema, mas também gostaria que entendessem como a democracia se desenvolve no terreno. Eu lhes direi que a democracia impõe requisitos ao governo, mas também depende da iniciativa das pessoas comuns. E talvez torne a aula mais interessante. Como aprendi durante o meu período de pesquisas, a música e uma atmosfera festiva estão certamente entre as respostas às minhas próprias perguntas, “O que é democracia?” “Como a conseguimos?”.

Amanda M. Fulmer faz parte do ciclo de 2009-2010 de bolsistas da IAF. Ela terminará a sua tese em ciências políticas em 2012.

Agricultura e conservação nas ilhas Galápagos

De Laura Brewington

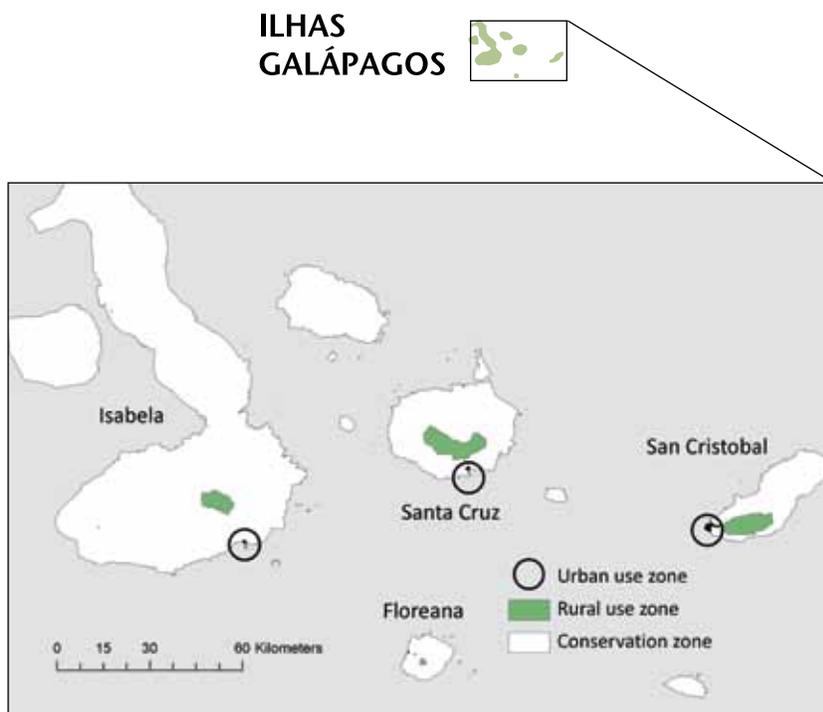
Fotos e gráficos por cortesia de Laura Brewington



Laura Brewington, à direita, trabalhando para a FUNDAR no revestimento de um sanitário fabricado de vidro reciclado e espuma de poliestireno derretido.

As ilhas Galápagos do Equador são um lugar ideal para examinar as relações entre a conservação, o desenvolvimento e o uso da terra. No mundo inteiro as ilhas oceânicas são destinos turísticos populares e as Galápagos estavam no topo da lista das “Melhores ilhas do mundo” no número de outubro de 2010 da revista *Travel and Leisure*. No entanto, a crescente presença humana está vinculada a um aumento das espécies invasoras, que podem ser devastadoras para a flora e fauna nativas (Simberloff 1995:90) e para a agricultura local. Outrora sustentado por propriedades agrícolas prósperas, o arquipélago agora depende da importação para alimentar os seus 20.000 residentes e quase 200.000 visitantes anuais.

Embora a biodiversidade e a soberania alimentar estejam estreitamente relacionadas, nas Galápagos raramente estão vinculadas à política ou à prática da conservação. A soberania alimentar, uma medida da produção local referente às importações, é importante em territórios insulares remotos, pois os produtos que viajam longas distâncias são caros (Hughes e Lorenzo 2005; Bourke e Harwood 2009; Bell e outros. 2009; Mertz e outros. 2010). Entretanto, o uso de terras privadas influencia as espécies invasoras que já estão presentes e é por elas influenciado. Um volume crescente de publicações indica a eficácia dos programas de gestão de terras que unem interesses econômicos rurais a metas de conservação (Vandermeer e Perfecto 1997; McNeely e Scherr 2003; Gangoso e outros.)



Quadro 1.

O arquipélago das Galápagos e zonas associadas de uso urbano e rural nas ilhas Isabela, Santa Cruz e San Cristóbal. Todas as demais terras (97%) são parte do Parque Nacional Galápagos. A legenda indica as zonas de uso urbano, rural e de conservação

2006; Gøtz e Harvey 2008). Este estudo avalia a utilização e conservação do solo nas Galápagos e conclui que o controle e a prevenção das espécies invasoras, tal como a soberania alimentar, dependem da incorporação dos proprietários rurais na política de gestão.

A pesquisa de campo foi realizada em 2009 e 2010 com a ajuda da Fundação Interamericana. A área de estudo, zonas de uso urbano e rural das ilhas de Isabela e Santa Cruz constam do Quadro 1. Santa Cruz está no centro do arquipélago e tem a maior população (11.262 habitantes), ao passo que os 1.780 habitantes de Isabela estão mais isolados. Viajando de barco entre as ilhas, entrevistei o pessoal do Parque Nacional de Galápagos (PNG) e outras organizações e participei da observação, entrevistas e pesquisas dos membros das

comunidades agrícolas. Em Isabela, visitei propriedades agrícolas do altiplano várias vezes por semana para participar da limpeza, cultivo e colheita. Tomei nota dos produtos de temporada, técnicas de plantação, fontes alternativas de renda e impacto das espécies introduzidas. Em Santa Cruz também trabalhei como voluntária na Fundación para el Desarrollo Alternativo e Responsable (FUNDAR-Galápagos), que realiza programas de assistência rural e opera uma propriedade agrícola de demonstração. No total participaram deste estudo 115 indivíduos.

Política de terras e produção

Como os altiplanos de Galápagos estão totalmente rodeados por áreas protegidas, o limite entre o PNG e

as terras cultivadas é facilmente invadido por plantas introduzidas pela pecuária, pássaros, vento e outros vetores. O PNG, porém, tem mantido uma política somente para o parque no tocante ao controle e extirpação de espécies. Como me disse um funcionário, “somos uma organização de conservação. O que os agricultores fazem não nos importa”. Isso é importante porque afeta diretamente a produção de alimentos, resultando em tensões com os proprietários de terras. As propriedades agrícolas variam em tamanho de dois a 200 hectares e para a maioria dos proprietários é impossível limpar áreas extensas de plantas e ervas daninhas invasoras. O uso de pesticidas e herbicidas é restrito pelo PNG, mas alguns proprietários ainda borrifam as suas colheitas com herbicidas proibidos.

Em Isabela, a goiaba comum (*Psidium guajava*), árvore frutífera altamente invasora, abunda nas terras altas e arredores do PNG e reage negativamente à maioria dos herbicidas. Quarenta e quatro por cento dos agricultores entrevistados neste estudo utilizam mão de obra contratada para manter a sua terra, mas as normas de migração, previstas para reduzir a pressão populacional, dificultam a contratação da mão de obra do continente. Sem ajuda financeira ou mão de obra para cortar a goiabeira à mão, muitos agricultores simplesmente abandonam os seus campos e se mudam para a costa. “Eu corto [a goiabeira] e planto árvores para dar sombra às sementes, mas é tudo o que posso fazer. Sou somente um homem”, disse um deles. “De que tipo de conservação estão falando eles [o PNG]?”.

Embora as plantas invasoras, como a goiaba em Isabela e a framboesa de colina (*niveus de Rubus*) em Santa Cruz, causem graves problemas para a agricultura, o seu impacto varia segundo a intensidade do cultivo. De uma lista de oito obstáculos comuns — incluindo insetos, mão de obra, maquinaria, transporte, água e goiaba — os agricultores de Isabela (cuja terra está em rodízio de colheita pelo menos nove meses do ano) puseram à goiaba em penúltimo lugar. A água, seja em escassez ou em excesso, foi a sua preocupação mais crítica. As soluções criativas para lidar com a goiaba incluem a fabricação de carvão de lenha tirada das árvores maduras para vender aos moradores e restaurantes. Ao manter o terreno limpo e em produção, os agricultores evitam os problemas

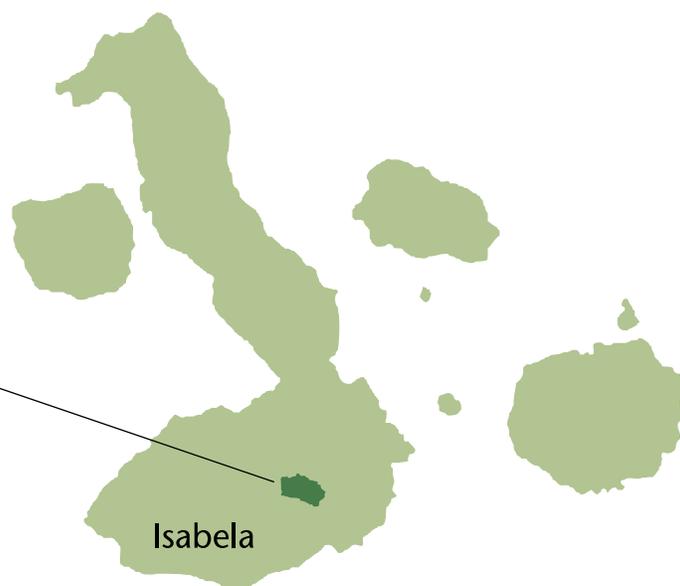
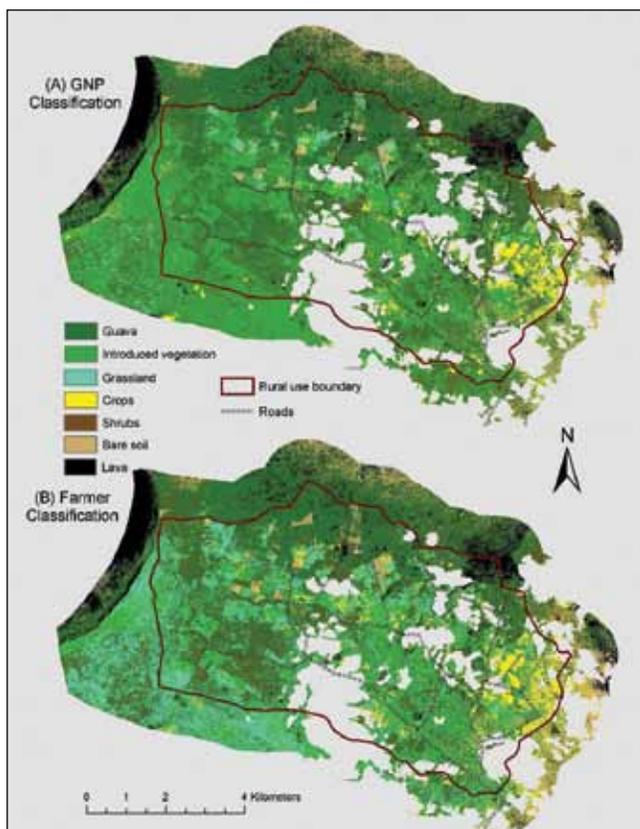
com a goiaba relatados pelos proprietários de terra que cultivam somente parte do ano.

Soberania alimentar

Devido a variações na precipitação e luz solar, as estufas e os sistemas de irrigação são essenciais para a produção durante todo o ano, mas somente os domicílios abastados têm condições econômicas para isso. Dependendo do item e da estação, o mercado pode oscilar de supersaturação com produtos locais a uma escassez de legumes frescos. Os cereais e a maioria dos laticínios figuram entre os 75% dos alimentos e outros itens orgânicos que devem ser importados por sete navios cargueiros em um calendário rotativo. A viagem de dois dias e meio custa US\$1,17 por 100 libras (45 kg.) de legumes, frutas e cereais. As instalações de armazenagem fria cobram US\$0,14 por libra — o que aumenta rapidamente a soma. Devido ao tempo adicional de viagem, os consumidores de Isabela pagam mais pelas mercadorias importadas do que os consumidores de Santa Cruz e o mesmo produto pode custar o dobro do preço cobrado no mercado agrícola, quando disponível. Se um navio cargueiro se atrasar, os alimentos básicos desaparecem dos armazéns e os preços aumentam subitamente, causando insegurança alimentar, especialmente entre as pessoas de baixa renda. Finalmente, tais navios são vetor conhecido de novas doenças de plantas e de insetos, completando o que um funcionário do PNG chama um “círculo vicioso da invasão”.

Percepções da paisagem

Um exercício de classificação em Isabela destacou uma divergência de opiniões no tocante à paisagem que pode explicar por que os formuladores de políticas hesitam em interagir com os proprietários privados. Mostrei a 10 agricultores e três funcionários do PNG 25 fotografias representando diversas coberturas do solo e lhes pedi que classificassem cada uma: solo ermo, lava, goiaba, vegetação introduzida que não é goiaba, pastagem, arbustos e colheitas. Cada foto correspondia a um ponto do GPS tomado em 2008 que estava no perfil espacial de uma imagem da área de outubro de 2004 do satélite QuickBird. Foi aplicada uma máscara de nuvens à imagem e usado um método de classificação supervisionado, utilizando o software de análise ENVI para gerar imagens



Quadro 2.

Imagens classificadas de 2004 do satélite QuickBird sobre as terras altas de Isabela (detalhe), ilustram duas formas de interpretar a paisagem. Uma dá ênfase à degradação do meio ambiente (A) e a outra à produtividade do mesmo (B). As áreas cobertas de nuvens foram excluídas da análise. (Legenda ilegível.)

classificadas de dois pontos de vista locais, um dos agricultores e o outro dos funcionários do PNG.

As imagens do Quadro 2 revelam uma relação complexa entre as percepções da produtividade ou degradação. Preparei uma matriz de confusão para avaliar o nível de coincidência entre elas. Embora as classificações dos agricultores e do PNG geralmente estivessem de acordo (65% no total, com uma estatística de Kappa de 0,58), indicaram um nível extremamente alto de coincidência na classificação da goiaba (91%). Inclusive nas fotografias que mostravam uma variedade de espécies de plantas, a presença da goiaba levava ambos os grupos a escolhê-la. O menor acordo (29%) referiu-se ao que o PNG considera vegetação introduzida, com exceção da goiaba, que os agricultores consideraram pasto (55%) ou arbustos (10%). Fotografias associadas continham capim alto, samambaia e outras ervas daninhas que nem todos os agricultores consideram como pragas e, portanto, não as consideraram como plantas introduzidas. As classificações demonstram que dentro e além dos altiplanos de Isabela, o que o PNG considera como

paisagem agrícola degradada um proprietário considera como produtivo.

Uma resposta de base crescente

Ao longo do arquipélago, a desconexão marcante entre as regulamentações sobre o uso de terras e a prática tem dado lugar a produtores marginalizados, com poucos recursos e um número crescente de desafios. No entanto, muitos agricultores de Galápagos creem que a agricultura é a melhor forma de conservação e estão encontrando maneiras de alinhar a produção com as prioridades de conservação. Maria Elena Guerra e Scott Henderson, proprietários de terras e ativistas da conservação, reabilitaram uma propriedade agrícola abandonada em Santa Cruz e produzem café orgânico. A sua etiqueta de Lava Java descreve uma visão que fecha hiatos antigos:

Na restauração de nossa propriedade agrícola podemos proporcionar sementes de plantas nativas e café raros em perigo de extinção a outros agricultores que decidirem se unir ao



Os camponeses fazem uma pausa na construção de um forno que funciona com o carvão fabricado da madeira de goiabeiras invasoras.

esforço de restaurar a terra abandonada a um ecossistema sadio de Galápagos em que prosperam as espécies nativas. Vemos cada novo agricultor dedicado a isso como um aliado da conservação. [A Lava Java] capta a essência de Galápagos que esperamos criar: um lugar único em que as pessoas aprendem a viver em harmonia com a natureza, conservando-a como parte de sua vida diária.

A FUNDAR-Galápagos apoia a conservação, proporcionando aos residentes oportunidades de participar da agricultura sustentável. “Gostaríamos que a comunidade participasse da conservação. Há gente aqui que diz que as ilhas Galápagos estariam melhor sem gente. A FUNDAR não compartilha esta opinião”, expressou Martín Espinosa, coordenador do projeto. Esta ONG utiliza a sua propriedade agrícola de 84 hectares para ensinar a proprietários de terras o ordenamento responsável de terras e publicou recentemente um guia de cultivo orgânico específico para Galápagos.

O café transformou-se na única exportação agrícola do arquipélago e ilustra os benefícios financeiros de um recurso cultivado de maneira responsável.

Os pés de café não são invasivos, impedem a erosão e ajudam o solo a reter os nutrientes para posteriores rodízios de colheita, tendo como resultado um produto que atrai os consumidores dos Estados Unidos e europeus ecologicamente conscientes. Uma organização apoiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento ajuda agricultores de Santa Cruz a plantar árvores nativas de café cultivado à sombra, o que permite que algumas obtenham certificação orgânica e preços até 20% mais altos.

Apesar dessa promessa a agricultura orgânica ainda não é comum fora de Santa Cruz. A certificação requer investimento de tempo, trabalho e capital que a maioria dos agricultores de Galápagos, especialmente na Isabela isolada, não está disposta a arriscar. Como alternativa, alguns começaram a trabalhar em turismo especializado na “fauna”. Na fazenda El Chato, em Santa Cruz, os visitantes caminham entre túneis de lava semelhantes a cavernas, veem tartarugas gigantes alimentando-se da vegetação nativa e provam sucos e doces feitos de frutas nativas. Outra fazenda, Hacienda Tranquila, opera um programa de ecoturismo que recruta voluntários para trabalhar em restauração ecológica e autossuficiência alimentar. Em Isabela os visitantes podem aprender técnicas de

cultivo tradicionais enquanto promovem a restauração dos altiplanos.

Conclusão

Em termos de política prática, a relação entre a soberania alimentar e as espécies introduzidas deve tornar o ordenamento de terras e subsídios agrícolas prioridades do Governo equatoriano e das instituições associadas à conservação, especialmente o PNG. Com mais de 400 funcionários, com um orçamento comparável ao do Parque Nacional de Yellowstone e uma localização estratégica na ciência e na política, o PNG está em condições de introduzir uma mudança verdadeira na sociedade rural de Galápagos. Uma doação de US\$15 milhões, destinada a controlar e erradicar as espécies invasoras a fim de assegurar o êxito no longo prazo e novos programas para desenvolver servidões de conservação e capacitar os agricultores a eliminar espécies invasoras, deve ajudar o PNG a liberar-se da sua imagem nativa de agência dedicada somente à proteção do parque.

O primeiro Local do Patrimônio Mundial da UNESCO, as ilhas Galápagos são território de um ecossistema único e de milhares de pessoas cuja presença muitas vezes é percebida como ameaça para a sua famosa biodiversidade. Em 2010, a Comissão do Patrimônio Mundial avaliou o estado de conservação de Galápagos. O seu relatório ressaltou que as pressões da população crescente e a necessidade de um melhor controle das espécies introduzidas tornam o uso responsável pelas terras elemento essencial para o futuro do arquipélago (WHC 2010:18-22). Em uma louvável revisão de política, os residentes rurais das ilhas estão sendo incorporados no planejamento ambiental. Este estudo demonstra que, além de novos protocolos hierárquicos de conservação, a ação e o ativismo locais são essenciais para enfrentar na fonte os problemas de espécies introduzidas.

Laura Brewington, estudante do Center for Galápagos Studies, University of North Carolina at Chapel Hill, defenderá a sua tese em geografia em 2012.

Bibliografia

Bell, J. D., M. Kronen, A. Vunisea, W. J. Nash, G. Keeble, A. Demmke, S. Pontifex, e S. Andréfouët. "Planning the Use of Fish for Food Security in the Pacific." *Marine Policy* 33 (2009): 64-76.

Bourke, M.R., e T. Harwood. *Food and agriculture in Papua New Guinea*. Canberra: ANU E Press, 2009.

Gangoso, L., J.A. Donázar, S. Scholz, C.J. Palacios, e F. Hiraldo. "Contradiction in Conservation of Island Ecosystems: Plants, Introduced Herbivores and Avian Scavengers in the Canary Islands." *Biodiversity and Conservation* 15 (2006): 2231-2248.

Gøtz, S., e C. Harvey. "Biodiversity Conservation in Cocoa Production Landscapes: An Overview." *Biodiversity and Conservation* 16 (2008): 2237-2244.

Hughes, R., e M. Lawrence. "Globalisation, Food and Health in Pacific Island Countries." *Asia Pacific Journal of Clinical Nutrition* 14, no. 4 (2005): 298-306.

McNeely, J. A., e S. J. Scherr. 2003. *Ecoagriculture: Strategies to Feed the World and Save Wild Biodiversity*. Washington, D.C.: Island Press, 2003.

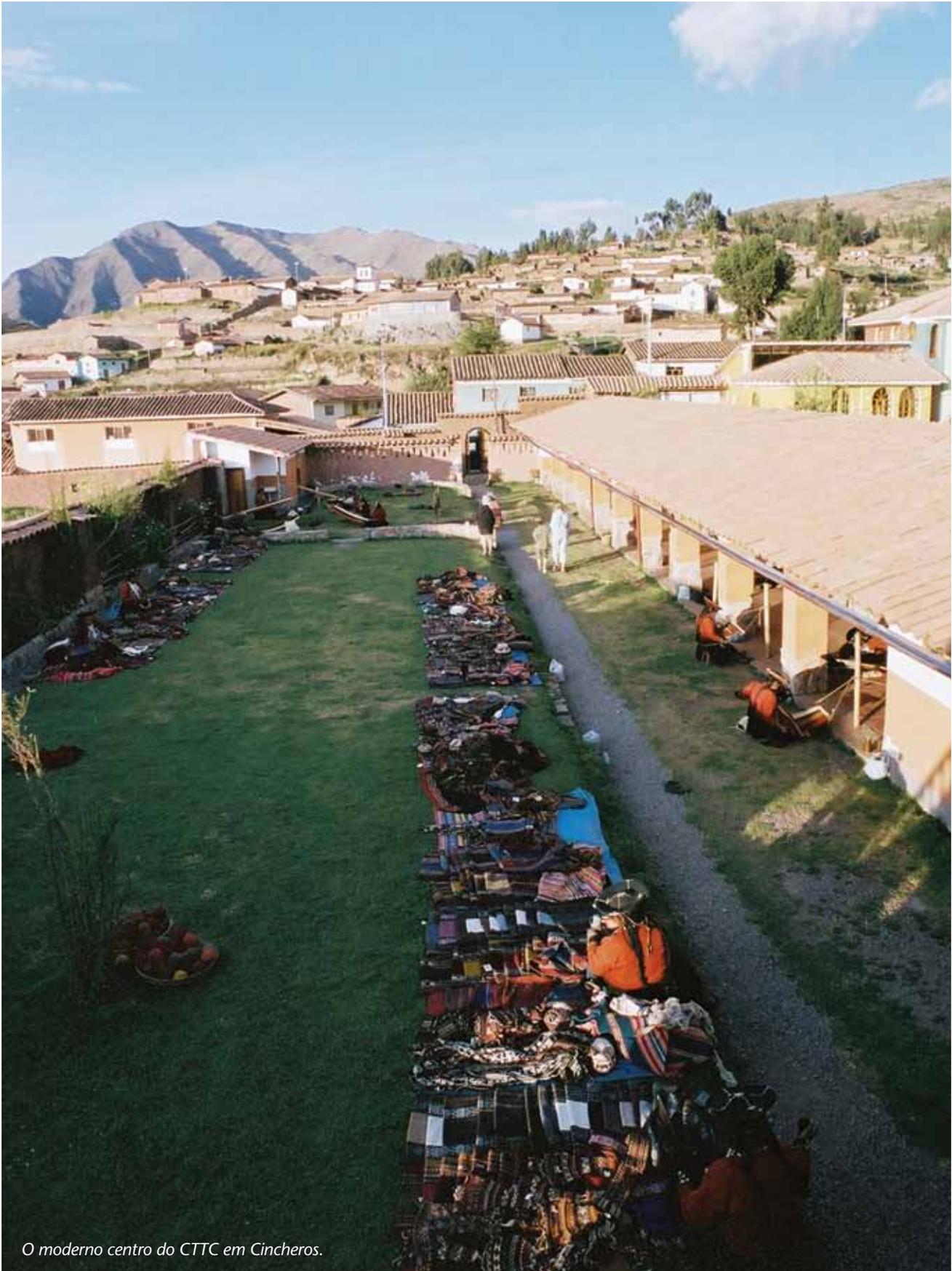
Mertz, O., T. B. Bruun, B. Fog, K. Rasmussen, e J. Agergaard. 2010. "Sustainable Land Use in Tikopia: Food Production and Consumption in an Isolated Agricultural System." *Singapore Journal of Tropical Geography* 31, N° 1 (2010): 10-26.

Simberloff, D. Why Do Introduced Species Appear to Devastate Islands More Than Mainland Areas? *Pacific Science* 49 (1995): 87-97.

Vandermeer, J., e I. Perfecto. 1997. "The Agroecosystem: A Need for the Conservation Biologist's Lens." *Conservation Biology* 11: 1-3.

UNESCO. World Heritage Committee. *State of Conservation of World Heritage Properties Inscribed on the List of World Heritage in Danger*. (Paris, 2010): 10/34.COM/7A. Add.

Mark Catredo



O moderno centro do CTC em Cincheros.



Tinkuy de tecelões

Durante três dias de novembro de 2010, mais de 400 artesãos de nove países da América reuniram-se em Urubamba, Peru, para compartilhar, descrever, apresentar e desfrutar técnicas imemoriais e maravilhosos têxteis no *tinkuy* — o encontro — de tecelões organizado pelo Centro de Textiles Tradicionales de Cusco (CTTC), donatário da IAF. Para muitos, esta foi a primeira experiência com colegas de outras comunidades. No harmonioso ambiente de um ecoalojamento, os tecelões, na maioria mulheres, compararam o seu artesanato cujos estilos e técnicas eram às vezes familiares e outras vezes exóticos.

Nos primeiros dois dias do *tinkuy*, tecelões mestres, tintureiros e fiandeiros demonstraram as suas habilidades. Entre eles estava D.Y. Begay, a tecelã navajo mundialmente famosa que descreveu o seu



D.Y. Begay.

patrimônio a uma audiência cativa. Teresa Gómez, Maria Ana Lajuj e Ana Lucía Chávez, da Guatemala, compartilharam a tradição maia que utiliza o algodão. Timoteo Carita e Flortunada Flores mostraram complicados padrões quéchuas do Vale Sagrado dos Incas de Cusco, Peru. Até mesmo os intervalos para almoço foram intensos, quando artistas da Bolívia, México e Peru instalavam os seus teares e respondiam a perguntas. Nesses momentos havia oportunidade

Jefry Andrés Wright



Nilda Callanhuapa, Diretora do CTTC e a sua mãe, a tecelã Guadalupe Álvarez Valenzuela.

de vender artesanato aos convidados internacionais. O segundo dia culminou em uma demonstração da importância dos têxteis locais como expressão cultural com canções, danças e desfiles teatrais que provocaram ovações, risos, surpresa e emoção no público entusiasmado. A noite terminou com danças, apertos de mão e abraços.

Em Cincheros, a cerca de 20 quilômetros de Urubamba, o centro de capacitação do CTTC recebeu os convidados com workshops práticos em tintura natural, confecção de bainhas tubulares para têxteis de senhoras, tricô de padrões circulares de chapéus chamados *chuyos* e os fundamentos da tecelagem de cintura. Os próprios tecelões do CTTC aprenderam elementos de comercialização por meio de catálogos eletrônicos pela Internet. Mais de 40 artesãos de sete comunidades peruanas apinharam-se em um sala de aula para se convencer de que uma câmara digital e acesso a um computador era o único de que precisavam para atingir compradores de todo o mundo de forma fácil, barata e eficaz.

A ideia do *tinkuy* de tecelões tinha sido de Nilda Callañaupa, diretora do CTTC, três anos antes e a realidade não decepcionou. Centenas de tecelões regressaram ao lar com lembranças maravilhosas, ideias renovadas, reanimado entusiasmo, confiança no valor cultural e comercial do seu trabalho e planos de continuar em contato com os seus novos amigos.—Wilbur Wright, ex-diretor regional da IAF







Workshop de tecelagem de cintura, acima e sua demonstração.

Joscelyn Sisby



Jefry Andrés Wright



Nilda Callanhaupa e cusquenhos com chuyos.



Cortesía de Tlachinollan

Abel Barreira Hernández, presidente do Tlachinollan, donatário da IAF, foi homenageado em Washington, D.C., pelo Centro Robert F. Kennedy por Justiça e Direitos Humanos.

Compromisso com a justiça

Abel Barreira Hernández, Presidente do Tlachinollan Grupo de Apoyo a los Pueblos Indios de la Montaña (Tlachinollan), donatário da IAF, recebeu o Sexto Prêmio de Direitos Humanos da Anistia Internacional em uma cerimônia de gala realizada em 27 de maio para comemorar as bodas de ouro da organização líder mundial na defesa dos direitos humanos. Salil Shetty, Secretário-Geral da Anistia Internacional, elogiou o antropólogo mexicano pelo seu inquebrantável compromisso, muitas vezes enfrentando graves perigos, em prol dos direitos dos povos indígenas do estado de Guerrero.

A distinção da Anistia Internacional ocorreu apenas seis meses depois que o Centro Robert F.

Kennedy para a Justiça e os Direitos Humanos premiara Barreira Hernández em Washington, D.C. com o seu reconhecimento também prestigioso. “O Senhor Abel Barreira Hernández inspira-nos com a sua implacável determinação de oferecer justiça às pessoas marginalizadas do México”, disse a ativista Kerry Kennedy, Presidente e fundadora do Centro e a sétima dos 11 filhos de Robert e Ethel Kennedy. “O seu exemplo anima todos nós a envidar um esforço ainda maior. A sua coragem incentiva os nossos melhores anjos”.

Em 6 de junho, exatamente 43 anos após o assassinato de Robert Kennedy, Kerry Kennedy reiterou o seu elogio a Barreira Hernández em *The Huffington Post*, comparando a sua valentia com a demonstrada pelo seu pai como Ministro da Justiça

dos Estados Unidos durante o movimento dos direitos civis. “Apesar das diferenças de tempo, países e idiomas, estes dois homens estão unidos pelo profundo compromisso com o progresso da justiça e dos direitos humanos”, escreveu. O escritório de Tlachinollan em Ayutla foi fechado depois dos assassinatos dos ativistas indígenas Raúl Lucas e Manuel Ponce, em 2009, ocorridos depois de terem valentemente documentado o sequestro e a violação de duas mulheres indígenas por parte dos

militares. “Agora, dois anos mais tarde, em 16 de junho,” escrevia Kennedy, “com coragem, Abel e os seus colegas comprometeram-se a reabrir o escritório de Tlachinollan em Ayutla, com uma cerimônia para destacar a ocasião”.

Tlachinollan utiliza os fundos da IAF para trabalhar com residentes tlapanecos e mixtecos de Zitlaltepec e Ojo del Agua na busca de uma melhor renda para comunidades silvícolas e da preservação e uso responsável dos recursos naturais.

Festa do peixe

Em fevereiro, o Reef Check República Dominicana, donatário da IAF e filial da Reef Check Foundation, inaugurou em El Carey um centro aquático no Parque Nacional Submarino La Caleta. O Reef Check vem trabalhando em associação com 30 pescadores e outros residentes para formar a Cooperativa de Pesca y Prestadores de Servicios Turísticos de La Caleta (COOPRESCA) em um esforço para passar da pesca, como fonte primária de renda, para o ecoturismo, ajudando assim na recuperação da reserva esgotada de peixes. Os visitantes do parque podem agora inscrever-se para receber treinamento em mergulho com tanque ou tubo, uso de caiaque e pesca desportiva e aluguel de equipamento. Parte do lucro do ecoturismo será reinvestida em projetos sociais e de conservação em benefício da comunidade. Os principais jornais dominicanos noticiaram a grande abertura do centro.

A tarefa da Reef Check também teve eco em um local inesperado: a edição de setembro de *Gastroteca*, revista gastronômica publicada em espanhol. O artigo incentiva o consumo do peixe-leão, uma espécie invasora oriunda do Pacífico que é tão feroz e voraz como indica o seu nome. Na década de 1990, na ausência dos seus predadores, estes peixes encontraram um lugar no topo da cadeia alimentar do Caribe e se dispersaram pelos seus recifes, dizimando as espécies locais. A gente local evita ingerir esta praga exótica devido às suas espinha e barbatanas venenosas. No entanto, uma vez retirados, este peixe pode ser consumido. Entres os restaurantes exclusivos que oferecem este prato em Washington, D.C., figuram o Hank's Oyster



Bar, Nora's e Poste Moderne Brasserie. Em alguns mercados de frutos do mar dos Estados Unidos este alimento custa mais de US\$24 o meio quilo. O Reef Check está trabalhando com pescadores dominicanos para organizar eventos desportivos relacionados com o peixe-leão e está incentivando os restaurantes de São Domingos a que o incluam no menu. O biólogo Pedro Alcolado, do Reef Check, disse à *Gastroteca* que nunca pensou que aconselharia a sobrepesca de espécie alguma, mas neste caso “essa sobrepesca seria recomendável do ponto de vista ecológico”. — Eduardo Rodríguez-Frias, *webmaster da IAF*



Conocimiento desde adentro
[Conhecimento de dentro]

Compilado por Sheila Walker

Programa de Pesquisas Estratégicas na Bolívia (PIEB): La Paz, 2010

Nesta primavera setentrional, telespectadores de todos os Estados Unidos sintonizaram *Black in Latin America* [O negro na América Latina], uma série de quatro partes produzida por Henry Louis Gates, acadêmico de Harvard. Como admitiu Gates, quatro horas não é muito tempo. Os afro-peruanos tiveram 30 minutos; quanto ao restante, a diáspora afrodescendente na América do Sul foi ignorada. *Conocimiento desde adentro* pode ajudar a fechar o hiato, pelo menos para os que leem espanhol, com um panorama das fascinantes comunidades da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela — países infreqüentemente considerados com influência africana.

A compaginadora e propulsora deste trabalho de dois tomos é a antropóloga Sheyla Walker. Em 2003, ela fundou o Grupo Barlovento com apoio do Global

Center do United Negro College Fund (UNCF). Reunindo-se no Spelman College, de Atlanta, onde Walker era professora de humanidades e ocupava a cátedra financiada por Willian e Camille Cosby, o Barlovento concentrou-se em

contar a história de um povo cujas contribuições e presença na América têm sido muitas vezes invisíveis ou refutadas. “Inicialmente tínhamos incluído o Brasil”, explicou Walker sobre os países abrangidos, “mas por questões de proporção, sem mencionar uma história diferente, não se enquadrou. E decidimos não incluir a América Central, cuja realidade é muito diferente”. O Barlovento queria decididamente que esta história viesse “de dentro” ou sob a perspectiva dos “protagonistas” que a viveram. Conseguir isso significou voltar a reunir-se no Equador e na Bolívia, com apoio da IAF.

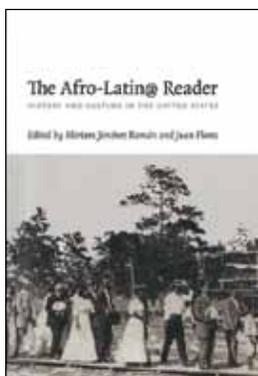
Walker considera o comércio atlântico de escravos como “a maior dispersão de pessoas na história do mundo”. Gates calcula em 11,5 milhões o número de africanos transportados, a maioria para a América Latina e o Caribe. Na apresentação da sua coleção de ensaios que constituem *Conocimiento desde adentro*, Walker constantemente se refere a esta diáspora como um quebra-cabeças. “A África”, afirma, “foi cortada em pedaços que foram espalhados. Nós queríamos reunir os pedaços”. Estes autores talvez não alcancem esta meta, mas os detalhes que oferecem sobre a história assombrosa da Afro-América Latina e a rica cultura que os seus ancestrais trouxeram consigo são realmente impressionantes. Aprendemos, por exemplo, que os mesmos governos que aboliram a escravidão se preocupavam em compensar os donos pela propriedade perdida; e que as tecnologias da África eram tão importantes quanto a mão de obra dos escravos nas fortunas surgidas do café, açúcar, tabaco, arroz e algodão.

“O propósito da doação do UNCF foi criar materiais curriculares para as escolas dos Estados Unidos e também da América Latina”, explicou Walker, acrescentando que atualmente não há outra fonte de informação disponível sobre o vasto tema escolhido pelo Grupo Barlovento. O colaborador boliviano Juan Angola Maconde encontrou um editor em La Paz; ele e Walker apresentaram o livro em um encontro festivo no Museu de Etnografia da cidade. O Grupo Barlovento confia agora em que seja publicada a tradução em inglês nos Estados Unidos e em conseguir um uso amplo de ambas as versões em escolas e universidades. O colaborador peruano Oswaldo Bilbao Lobatón propôs um projeto de capacitação de professores. “Tarefas das quais eu me terei de encarregar”, afirmou Walker. — *P.D.*

Sebastian Aloor



Sheila Walker.



**The Afro-Latin@ Reader:
History and Culture in the
United States [Leituras sobre
afrolatin@s: história e cultura
nos Estados Unidos]**

*Compilado por Miriam Jiménez
Román e Juan Flores*

*Duke University Press: Durham
e Londres, 2010*

Quando Jackie Robinson rompeu a barreira da cor no beisebol profissional, a sua autoconfiança o projetou de atleta famoso a herói do movimento dos direitos civis e essa realização transcendeu os esportes para transformar-se de fato em destaque nas relações raciais nos Estados Unidos. Mas quantos estadunidenses, fanáticos ou não do beisebol, já ouviram falar de Minie Miñoso, o qual apenas alguns anos depois deixou a Liga Negra para ser o primeiro afro-latino das Grandes Ligas e em 1951 o primeiro atleta negro a vestir a camiseta do time White Socks? A condição de pioneiro de Miñoso foi, de fato, seriamente debatida durante a seleção especial para a entronização na Galeria da Fama do beisebol em 2006, mas ele nunca foi escolhido. Embora tenha sofrido as mesmas humilhações de todos os atletas negros dessa época, de certa forma isso não foi considerado porque Miñoso tinha nascido e crescido em Cuba.

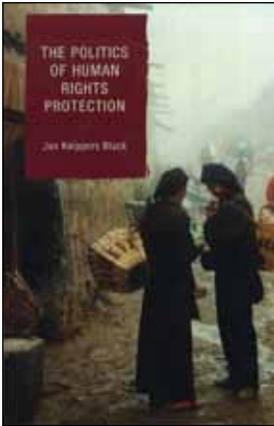
Obviamente muito menos se sabe sobre afro-latinos — originários do México, Caribe, América Central e América do Sul — do que dos afrodescendentes comumente considerados como afro-estadunidenses; e menos ainda sobre a relação das duas comunidades nos Estados Unidos. *The Afro-Latin@ Reader: History and Culture in the United States* aborda este hiato do conhecimento com uma coleção de ensaios, artigos e entrevistas que refletem as experiências dos estadunidenses que se identificam como afro-latinos, incluindo espaço sobre o passado racista do beisebol. (A arroba (@) no título e em todo o livro se usa para indicar que se faz referência tanto a “latino” como a “latina”, singular e plural.)

Ambos os compaginadores, Miriam Jiménez e Juan Flores, ensinam cultura afro-latina na New York University, onde ela é acadêmica visitante no Programa de Estudos Africanos e ele é professor no Departamento de Análise Social e Cultural. Jiménez é fundadora e diretora executiva do Afro-Latin@ Forum, centro de pesquisas e recursos que enfoca os latinos negros nos Estados

Unidos. A Duke University publicou este volume como parte da sua Série do Centro John Hope Franklin, que tem o nome do falecido professor emérito afro-estadunidense que escreveu o clássico *From Slavery to Freedom: A History of the American Negro* [Da escravidão à liberdade: a história do negro dos Estados Unidos], integrou departamentos de história de instituições de vanguarda e ajudou a Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (NAACP) a preparar o argumento sociológico tão vital para que o Supremo Tribunal dos Estados Unidos decidisse unanimemente que a segregação racial em escolas públicas era inconstitucional.

Os 66 ensaios de *The Afro-Latin@ Reader* convidam o leitor a explorar a narrativa de afro-latinos na cultura dos Estados Unidos — arte, religião, esportes, música e percepções de gênero — e a pensar criticamente sobre a raça. Vários capítulos lançam luz sobre o complexo assunto da identidade. Um deles, “Negociando entre invisibilidades: relatos de afro-latitudes nos Estados Unidos”, descreve o dilema da sua autora, Vielka Cecilia Hoy, nascida na Califórnia, filha de mãe nicaraguense e pai panamenho, ambos afrodescendentes. Hoje recorda que ao completar o formulário do censo, para a pergunta de origem étnica ela e cada uma das suas primas tinham respostas diversas. Outro ensaio, “Afrolatin@s: tempo presente e futuro”, oferece uma rica análise de dados coletados pelo Serviço do Censo, comparando as características socioeconômicas de hispânicos que se autoidentificam como “brancos” (termo oficial do Serviço do Censo) com as daqueles que marcam “negros ou afro-estadunidenses”. Este enredo de identidade não é absolutamente exclusivo dos Estados Unidos. O léxico de raça e etnia também pode ser complicado em outros países do continente.

A amplidão e o estilo de *The Afro-Latin@ Reader* agradarão a maioria dos leitores inclinados à erudição. Mas embora o seu teor seja denso e profundamente analítico, *The Afro-Latin@ Reader* tem algo para todos e cada um. Ao apresentar os afro-latinos como uma coletividade, Jiménez e Flores proveem um vínculo entre as comunidades afro-estadunidense e hispânica. Infelizmente, como o indica Adrián Burgos no seu capítulo sobre Minie Miñoso expressivamente intitulado “Um campo desigual: os afro-latinos nas grandes ligas do beisebol”, um número elevado de contribuições significativas de afro-latinos não tem recebido o reconhecimento que merece. — *Amanda Hess, Assistente de Programas da IAF*



The Politics of Human Rights Protection [As políticas de proteção de direitos humanos]

De Jan Knippers Black

Rowman & Littlefield Publishers Inc.: Lanham, Maryland e Plymouth, Reino Unido, 2010

Como disciplina, os direitos humanos podem ser vistos como separados e diversos da teoria e prática do desenvolvimento, mas Jan Knippers Black destaca de forma eficaz a sua intrincada conexão. Peritos internacionais, inclusive vários economistas e sociólogos, concordarão com ela em que as liberdades políticas e civis são requisitos para o desenvolvimento sustentável. De fato, quando os abusos persistem, sejam perpetrados por governos ou por outras forças, o avanço para a prosperidade perde o rumo.

Em *The Politics of Human Rights Protection*, Black, professora do Monterey Institute of International Studies, essencialmente apresenta um guia das estratégias que enfrentam as violações sistêmicas dos direitos humanos. Entre os casos ilustrativos figuram a luta pela independência em Timor-Leste e os enfrentamentos frequentemente tensos de Taiwan com a China. Black começa com uma discussão da definição de direitos e abusos e oferece

as próprias “Diretrizes para prever abuso e resposta pública”. Ela dedica considerável espaço à análise da importância da linguagem, especialmente em relatos “oficiais” e como a compreensão de palavras em código e eufemismos pode ser crucial para identificar

violações de direitos humanos e assim responder a elas e, mais importante ainda, talvez preveni-las.

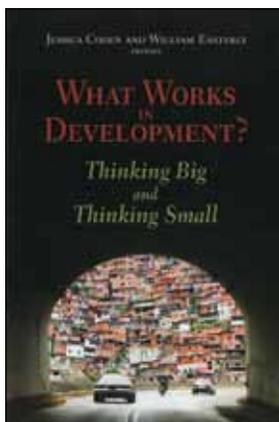
No contexto latino-americano, Black examina os abusos desenfreados por parte de ditaduras militares nas décadas de 1970 e 1980 no Cone Sul, particularmente durante o regime de Augusto Pinochet no Chile, onde Black foi uma das primeiras voluntárias do Corpo de Paz no início da década de 1960. Desde o golpe militar que abriu caminho ao regime de Pinochet até a dramática série de eventos que surgiram da pressão internacional daqueles que pediam o seu julgamento, Black detalha os processos que permitiram uma nação aprender do seu passado e continuar andando. A reconciliação do Chile foi especialmente complicada; Pinochet continuou na chefia das forças armadas durante a transição, o que levou os chilenos a vacilarem na exigência da justiça. Black resume eloquentemente a situação: “Um governo civil eleito com camisa de força e um governo incapaz ou pouco disposto a responder ao mandato popular podem ser a melhor salvaguarda para a desigualdade do que uma ditadura militar”.

Tradicionalmente, o Ocidente tem considerado os direitos humanos em termos de liberdades civis e políticas. No entanto, os direitos econômicos e culturais têm sido parte do discurso onde a pobreza e a perseguição prevalecem e o debate foi ampliado para incluir direitos sociais e ambientais. Até mesmo a Anistia Internacional, que teve início na década de 1960 como organização com orientação política e focada em presos de consciência, geralmente dissidentes políticos, lançou recentemente campanhas que propugnam, em nome do direito humano, a dignidade e a libertação da pobreza.

Black oferece uma valiosa análise mediante uma revisão minuciosa das complexidades de examinar os direitos humanos em vários contextos. Apesar dos antecedentes eminentemente acadêmicos de Black, *The Politics of Human Rights Protection* não está dirigido somente a eruditos ou especialistas, mas também a leitores curiosos e comprometidos, segundo os quais os direitos humanos merecem proteção e que querem entender as causas primordiais dos abusos além da análise abstrata. Como guia para soluções concretas, o livro faz uma contribuição vital à literatura dos direitos humanos. — Nancy Díaz, Assistente de Programas da IAF



Jan Knippers Black.



What Works in Development? Thinking Big and Thinking Small [O que funciona no desenvolvimento? Pensando em escala alta e em escala baixa]

Compilado por Jessica Cohen e William Easterly

The Brookings Institution: Washington, D.C., 2009

Pelo título deste livro pode-se imaginar que as suas 230 páginas contêm a resposta à grande interrogativa que há décadas vem perseguindo o desenvolvimento internacional. Responder a esta pergunta seria o equivalente a uma grande descoberta em medicina ou geração de energia. Assim, com o otimismo do novato, começa-se a ler na primeira página que “o ponto de partida das contribuições a este livro... é o fato de não haver consenso a respeito do que ‘funciona’ para o crescimento e o desenvolvimento. A meta final da pesquisa do desenvolvimento continua elusiva”.

Nos seis capítulos seguintes, economistas de Harvard, Stanford, Princeton, Brown, New York University, London School of Economics, Massachusetts Institute of Technology e do Banco Mundial procuram explicar por que não há resposta e por que é tão pouco o que se compreende do impacto real dos projetos de desenvolvimento sobre a pobreza. Alguns autores colocam uma defesa de programas em escala nacional — “pensar em escala alta”— enquanto outros afirmam que os maiores êxitos provêm de intervenções mais restritas — “pensar em escala baixa”. Todos deixam a desejar na exposição dos seus argumentos. O seu jargão acadêmico e atitude formulista perturbarão os estudantes mais concentrados. Aqui e ali surge um parágrafo que promove um enfoque para passar em seguida à página seguinte e ler que “por outro lado...”.

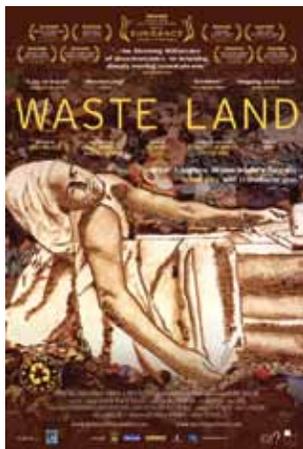
Em um trecho, David N. Weil, da Brown University, realiza uma tarefa verossímil para explicar por que os economistas, com os seus parâmetros de utilidade hipotética e cálculo econômico, têm fracassado tão lamentavelmente na busca do “santo cálice”. Simplesmente não entendem como o mundo funciona na realidade. Devem reconhecer que o

desenvolvimento não é uma ciência e que as comunidades de base não são placas de Petri cultivadas por um número finito de variáveis, mas microcosmos com o universo de variáveis que afetam as decisões.

Abhijit Vinayak Banerjee, do MIT, chega a afirmar que o desenvolvimento econômico poderia depender exclusivamente da sorte — certo fator imprevisível que gera crescimento positivo em um determinado país. O melhor que se pode fazer em preparação para essa “decolagem” é apoiar a sua contingência com uma política social que produza um sentido de esperança nas pessoas e um compromisso com o futuro. William Easterly, no seu comentário final, concorda com as conclusões de Banerjee, argumentando que não são originais mas genéricas e confirma que oferecem pouca perspicácia útil. Um desenvolvimento bem-sucedido em certa situação não deve ser interpretado como indicativo de semelhante êxito em um ambiente diverso. Generalizar mais os resultados específicos de um contexto para uma metodologia é um ato de fé ainda maior.

Infelizmente os economistas têm dificuldade para passar do modo científico ao prático. Muito facilmente caem no jargão econômico que nada esclarece e confunde o leitor. “Quando pressionados,” observa Lant Pritchett do Kennedy School da Harvard University, “os economistas veem imediatamente o erro óbvio de confundir fundamentos descritivos para ações de um planejador social hipotético que maximiza o bem-estar com razões positivas para as ações concretas de governos reais”. Depois de várias leituras, percebi que esta declaração se traduz em conselho útil para interpretar os resultados observados de uma iniciativa de desenvolvimento empreendida por um governo, mas oferece pouco quanto ao modo de atender às necessidades óbvias no nível local.

Os autores incluídos em *What Works in Development?* sugerem que esta questão não tem resposta e que só podem oferecer observações que ajudariam na busca de uma. Enquanto esta resposta continuar esquiva, os peritos continuarão a apresentar as suas hipóteses e a procurar provar as suas teorias. Entretanto, aqueles que trabalham no campo com gente real permanecerão na expectativa, embora pondo as luvas, levantando a próxima pedra e confiando em um futuro melhor. — *Wilbur Wright, ex-diretor regional da IAF*



Lixo Extraordinário [Bassura extraordinária]

Dirigido por Lucy Walker

Produção de Almega Projeets e 02 Filmes; 2010

Quando o filme *Lixo Extraordinário* foi nomeado como melhor documentário de 2010, o pessoal da IAF e cerca de 5.000 catadores de lixo brasileiros se viram arrastados pela febre do Oscar. O filme foca um dos maiores aterros sanitários do mundo, que se estende cerca de 1.300.000 metros quadrados, bem como as pessoas que costumam catar o lixo e que, em um momento especial, o transformaram em uma obra de arte.

Os trabalhadores pertencem à Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho (ACAMJG), que em 2009 recebeu financiamento do doatário da IAF Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), entidade encarregada do aspecto de responsabilidade social de uma associação empresarial que representa aproximadamente 9.000 empresas brasileiras. As subdoações da FIRJAM a organizações que empreendem projetos de desenvolvimento, tais como a ACAMJG, recebem contrapartidas iguais, real por real, das empresas afiliadas.

O outro protagonista do filme é Vik Muniz, residente no bairro do Brooklyn da cidade de Nova York, artista brasileiro que regressou dos Estados Unidos ao seu país natal em busca de inspiração e que a encontrou no aterro municipal de Gramacho. Durante os dois anos em que se dedicou a viver com os catadores de lixo, de



2007 a 2009, Muniz fotografou os seus vizinhos como sujeitos de retratos que lembravam obras de arte consagradas, como *A morte de Marat*, de Jacques-Louis David, e *a Mulher passando roupa*, de Pablo Picasso. Muniz e as suas novas musas utilizaram o lixo para acrescentar textura e profundidade às cenas. Em *Lixo Extraordinário*, a diretora inglesa Lucy Walker acompanha o artista e os outros protagonistas, documentando a exuberância dos catadores quando ajudam Muniz a criar estas peças épicas, realizando a sua visão e escapando do tédio da rotina diária.

Foi preciso um esforço para encher de lixo o andar do estúdio de Muniz, do tamanho de um grande depósito, criando uma obra tão grande que só poderia ser vista e fotografada de cima. “O fato de terem trabalhado nisso e na construção da imagem com o que eles manipulam todos os dias, foi para mim o mais importante”, disse Muniz a um jornalista da Associated Press. “Às vezes nos vemos tão pequenos, mas as pessoas ali nos veem tão grandes, tão bonitos”, comentou um dos catadores aos repórteres na abertura da exposição de Muniz no Museu de Arte Moderna do Rio.

Em 27 de fevereiro, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas concedeu o Oscar a *Inside Job*, documentário sobre as causas da recente crise financeira global na qual pelo menos alguns de nós nos sentimos defraudados. Não obstante, a atenção recebida por *Lixo Extraordinário* contribuiu para aumentar ainda mais a cotação das obras de Muniz, que reconheceu essa dívida aos catadores doando mais de US\$300.000 à ACAMJG.

Essa doação ajudará os trabalhadores da ACAMJG na transição para outras atividades de reciclagem; o governo do Estado do Rio de Janeiro fechou o aterro três dias depois da cerimônia de entrega do Oscar. O aterro de Gramacho, que estava ficando sem espaço e era uma fonte séria de contaminação pela proximidade de pântanos, está sendo transformado em um dos maiores projetos de biogás do mundo. Parte da renda do projeto será administrada pelo município local em parceria com a ACAMJG para beneficiar os catadores deslocados que querem capacitar-se para trabalhar na indústria formal da reciclagem. Para obter informações mais detalhadas sobre *Lixo Extraordinário*, favor consultar o website www.wastelandmovie.com. — Eduardo Rodríguez-Frias, webmaster da IAF



Em 2003, Patrick Breslin, então vice-presidente de relações externas da IAF, fotografou membros da ACAMJG trabalhando no aterro municipal de Gramacho, alguns anos antes que o artista Vik Muniz, página oposta, encontrasse ali inspiração.



A última palavra

“Cheguei tarde ao movimento feminino”, admitiu Dorotea Wilson quando *Desenvolvimento de Base* dialogou com ela na última primavera setentrional na sede da Organização dos Estados Americanos (OEA). Não obstante, sua vida se desenvolveu como um compromisso contínuo com a justiça social.

Wilson nasceu em Bluefields, na costa caribenha da Nicarágua e, como muitos outros afrodescendentes da América Central, cresceu-se bilíngue em espanhol e inglês. Como estudante em uma escola católica, logo descobriu sua vocação religiosa — e que algumas ordens estavam fechadas para ela devido à sua raça. Sua determinação a levou às Carmelitas e à tolerância dessa ordem. Aos 19 anos pronunciou os votos. Nove anos como monja lhe ensinaram ética e valores e, segundo explicou, a colocaram em contato direto com os pobres e sua desesperada situação sob o regime repressivo de Anastasio Somoza. Em meados da década de 1970, juntamente com quase todo o convento, saiu para juntar-se à insurreição que no final levaria Somoza ao exílio em julho de 1979.

Depois do triunfo, Wilson passou a ser prefeita de Porto Cabezas, o que impulsionou a sua segunda profissão em serviço comunitário. “Eu tinha de ouvir as pessoas e atender a seus problemas que iam desde a construção de um mercado municipal, limpeza de ruas, coleta de lixo e falta d’água até inclusive fazer arranjos para obtenção de um caixão”, recordou. “A necessidade era incrível”. Ser eleita para uma série de cargos resultou em sua nomeação para a direção do Partido Sandinista, mas no final abandonou a política frustrada diante da dificuldade de conseguir a equidade para a mulher.

Atualmente Wilson canaliza sua energia na Rede de Mulheres Afrolatino-Americanas, Afrocaribenhas e da Diáspora, da qual foi cofundadora em 1992 e a qual a IAF tem apoiado. Agora conta com 450 organizações afiliadas comprometidas no combate à discriminação, xenofobia, racismo e exclusão e pela transformação da sociedade. Em 15 de



Dorotea Wilson na OEA.

março, como coordenadora geral da Rede, Wilson falou a uma sessão extraordinária do Conselho Permanente da OEA na comemoração de 2011 como Ano Internacional dos Afrodescendentes. Em suas breves observações urgiu a aprovação da Convenção Interamericana contra o Racismo e Todas as Formas de Discriminação e Intolerância. “Quero um mundo melhor tanto para mulheres e homens como para crianças”, comentou em seguida a *Desenvolvimento de Base*. “Sou otimista porque posso ver a transformação pessoal em mim mesma e em outros”. — P.D.



www.iaf.gov